

Organizadoras
Gleicienne Fernandes
Mariana Pithon

De Quibungos e meninos
Um apanhado de histórias
de bicho-papão em África e Brasil

v
v v
v v
viva voz

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2010

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretor

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação

Gleicienne Fernandes

Mariana Pithon

Formatação

Gleicienne Fernandes

Mariana Pithon

Revisão de provas

Gleicienne Fernandes

Mariana Pithon

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

e-mail: revisores.fale@gmail.com

Por onde se embrenham os quibungos

5 Apresento a vocês os Quibungos

A vida dos quibungos

- 11 Quibungo alaiberu**
- 13 Quibungo-rei**
- 15 O quibungo e o filho Janjão**
- 17 A Kandimba, o Dumbo e o Kibungo**

Fugas e ataques

- 23 Nenhum dos mortos era jovem demais para assaltar bebês mortos marchando para a cidade dos mortos**
- 27 A menina e o quibungo**
- 29 O bicho Ponguê**
- 31 O bicho cumunjarim**
- 33 Titi maruê**
- 35 O bicho-homem**
- 37 Bicho-Homem**
- 39 O quibungo e o menino do saco de penas**
- 43 O quibungo e o homem**
- 45 Quibungo na festa da aranha**
- 47 A terrível parábola**

Conversas com quibungos

- 51 Lobishome e a menina**
- 53 A aranha caranguejeira e o quibungo**
- 57 O Quibungo e a cachorra**
- 59 A filha que ficou com o seu pai**
- 63 A minina que ficô morano mais o pai**

Escritos sobre quibungos

- 67 Quibungo**
- 73 A terrível parábola: as versões
de um poema de João Guimarães Rosa**
- 91 Uma vez um quibungo**
- 113 Para quem não sabe...**
- 115 Um pouco mais das narrativas**
- 117 Quibungos,
bichos-papões e outras monstruosidades**
- 121 Eles que me contaram...**
- 127 Os caçadores de quibungo**

Apresento a vocês os Quibungos

O quibungo é, na tradição oral, o monstro devorador de crianças, tema de assombrações e de ameaças para disciplinar as desobediências infantis. Malvado, bruto e perverso, ele é considerado por muitos, como os bantos, um lobo, o que o aproxima de um lobisomem, um monstro metade gente, metade bicho, com seu corpo peludo e suas grandes garras. No Brasil, uma de suas facetas é o bicho-papão, monstro com quem possui grandes semelhanças, entre elas a “boca-bolsa-papo”, que se abre ao abaixar a cabeça engolindo suas vítimas sem mastigar.

Esse monstro pode ser visto como a criatura de Ogum, a inevitável mutação do negro velho, o empenho da madrasta em assustar e controlar a sua afilhada por meio da ameaça, o eco do medo que os pequenos têm ao ficarem a sós, ou ainda o Cabunda, bando africano conhecido como invasor, assaltante e destruidor das tribos africanas.

Nas narrativas, a sua aparição é marcada por finais trágicos ou não, tendo a noite na mata, um local genérico e nebuloso, como palco de suas ações. Além disso, há também os diálogos cantarolados, que são uma presente influência dos *alô*s, histórias cantadas ou recitadas oriundas do continente africano.

Enquanto monstruosidade, o quibungo é um monstro cultural e pedagógico, na medida em que simboliza a interdição de um comportamento, agindo sempre quando há a quebra deste: deixar uma porta aberta ou permanecer na mata à noite. Ele também possui um caráter de invasor, é aquele que tem a sua existência desconhecida pelas pessoas e vem não se

sabe de onde nem quando, trazendo consigo a instabilidade, a destruição e a violação e, por esses motivos, deve ser temido e dele se proteger. Para aquele que não segue os conselhos alheios, resta o castigo, o “destino” de ser presa e a esperança de ser salvo por alguém.

De quibungos e meninos busca, então, apresentar narrativas “brasileiras” e chegadas da África sobre esse monstro, tendo como ponto de partida o fragmento “Nenhum dos mortos era jovem demais para assaltar bebês mortos marchando para a cidade dos mortos”, do livro *O bebedor de vinho de palmeira*, do escritor nigeriano Amos Tutuola. Esse fragmento narra a fuga do narrador-personagem “Pai de todos os deuses” de um monstro cujas características nos remete ao quibungo.

A partir disso, as narrativas selecionadas são consideradas como transcrições da tradição oral. A transcrição, nesse caso, não se resume a um processo tradutório, ou seja, apenas linguístico-cultural, mas também é um fenômeno sociocultural. Trata-se da assimilação de uma personagem no nosso imaginário de pavores por meio dos contadores de histórias que pertenciam a outras culturas e aqui disseminavam suas crenças e temores, além daqueles que nelas acreditavam e repassavam-na para frente. Assim, tais narrativas possuem uma herança em comum, como aponta Antonio Risério,¹ não podendo ser consideradas a “origem”, mas aproximando-se dela.

Essa ideia de aproximação, comum às transcrições de narrativas orais e as criações que se apropriam dessas histórias, contribuíram para a escolha em divulgar a autoria dos textos selecionados apenas na bibliografia, denominada aqui, “Eles que me contaram”. Dessa maneira, a própria noção de autoria não é priorizada, considerando-os transcritores e transcritores, “porta-vozes” desse imaginário afro-brasileiro.

Ainda com relação aos textos, é importante destacarmos as nossas escolhas editoriais. Como muitas dessas transcrições foram publicadas na primeira metade do século XX, elas possuem alguns “arcaísmos” no que se refere à ortografia, ao léxico e, em raros casos, à sintaxe. Optamos, então, por trocar palavras, como *excogitar* por *matutar* ou *pensar*; alterar a grafia da ênclise, de *matal-a* para *matá-la*; retirar os acentos circunflexos de algumas palavras, como *preto*; modificar, em alguns casos, a

¹ RISÉRIO. *Oriki, Orixá*, p. 79-108.

pontuação, e interferir na sintaxe, esclarecendo trechos que poderiam ser de difícil compreensão.

Esta segunda edição conta ainda com os artigos “Uma vez um quibungo”, de Josiley Souza, e “A terrível parábola: as versões de um poema de João Guimarães Rosa”, de Luiz Cláudio Vireira de Oliveira, além de “Quibungo”, de Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos do folclore brasileiro; um glossário de palavras de origem africana contidas nas histórias, com exceção dos cantos (pois, para isso, seria necessário um longo estudo dos dialetos e variações em que eles estão transcritos); as anotações feitas pelos estudiosos que transcreveram algumas das narrativas; uma seção dedicada às outras monstruosidades brasileiras e indicações bibliográficas de quibungos e monstros.

Mariana Python

A vida dos quibungos

Quibungo alaiberu

Ogum deu aos meninos um alabô chamado Quibungo, pai de uma raça de lobos que não deixou descendentes. O bicho era muito maior do que um elefante, fazia erú a todos os jagunços e tinha duas bocas: uma para mastigar sem engolir e outra nas costas para engolir sem mastigar.

Depois disso ninguém bolia com cassange, nem quibungue, nem banguela, porque já sabia no que iria dar, mas ainda assim havia gente que teimava. O bicho abria a boca das costas e começava a despejar gente que nunca mais se acabava, gente que parecia ter asas e entrava combatendo com os inimigos enquanto ele batia as pestanas. E era pega um, pega outro, e Quibungo, com as ventas arrebitadas, chupando os jagunços pra dentro da boca das costas.

Os meninos gostavam de ver Quibungo botar pra fora o que não botava pra dentro e, quando aparecia um pombeiro à procura de escravos, Quibungo abria as costas e lá vai prisioneiros pro abatá e dinheiro pro povo.

Já ninguém mais queria brigar com os meninos com medo do Quibungo, mas eles mandavam recados aos inimigos desafiando eles:

Dudú Quibungo
Alaiberú, alaiberú.

E levavam Quibungo pra engolir gente e eles enriqueceram mais vendendo escravos. Ogum foi se aborrecendo com aquilo porque ninguém se lembrava dele e foi quebrando as forças do alabô fazendo ele cada vez

mais pequeno. Os meninos andavam de “olhos cosidos” e não viam nada. O número de escravos ia diminuindo e Quibungo já nem sugava mais os inimigos, porque sentia uma dor danada nas costas e nem botava mais gente pra dentro da barriga das costas, porque tinha ficado muito pequena.

Numa dessas guerras de pegar escravos, Quibungo grudou o chefe dos inimigos e socou ele na barriga das costas com muito trabalho, mas se apertou todo pro homem não sair, não conseguindo fazer mais nada por ter ficado muito pesado e não poder andar. A batalha continuou e os meninos foram vencidos. Quibungo botou o chefe dos inimigos pra fora e saiu correndo. Os vencedores viram que ele estava fraco e deram atrás dele gritando:

Funfun Quiponguê
Gbotatá, gbotatá.

Corre daqui, corre dacolá, cercando ele, até que pegaram. Foi festa. Mandaram chamar o pombeiro e venderam ele com os meninos.

– Vai, anda Quibungo, fazê erú a gente sem orí.

Isso que oimbo quis. Trouxe ele pra fazê neném dromir.

Quibungo-rei

Houve tempo e tempo houve que os homens só viviam em guerras e quase não trabalhavam. Isso já vinha de anos quando um dia apareceu um negrinho que ninguém dava nada por ele perguntando pelo rei de Angola. Daí a pouco ninguém podia olhar para o desconhecido que não ficasse encandeado, pois os olhos eram de fogo e tinha fogo nos dentes, nas unhas, e nos cabelos. Afinal levaram ele, de cujo corpo saía um calorão brabo, à presença de Sua Majestade. Se o rei já era descansado, vendo aquele pedacinho de homem, nem ligou importância. O negrinho se zangou e, batendo com o pé no chão, disse ao monarca:

– Sabia, seu moleza, que você vai deixar de ser a infelicidade desta nação comigo.

Nem acabou de dizer o resto. Soltou uma bafurada de fogo pelas ventas, desaparecendo como fumaça. O povo soube da proeza do encantado e quando duas pessoas se encontravam iam logo se cumprimentando por “moleza”.

Dias depois todos corriam pra lá e pra cá, gritando:

– É-vem eles.

– É-vem.

Eram os inimigos. O povo estava se reunindo para brigar quando apareceu o encantado com um cachorrão tão grande como nunca houve bicho maior no mundo, com uma bocona aberta nas costas capaz de caber esta casa dentro e ainda sobrar espaço.

O encantado, todo cheio de fogo, tomou a frente do povo e gritou para o bicho:

– Quibungo, esta nação é sua. Defenda ela.

– Ah, meu senhor, nem lhe conto.

O “cachorrão” levantou a cabeça pra ver os grupos de inimigos que já vinham à beira do rio. Aí chupou o vento com as ventas e todas as pedras, grandes e pequenas, foram se juntando em roda dele.

Quando os inimigos se preparavam para o combate, Quibungo deu cada latido que até a terra pareceu tremer e, lá vai pedrada. Que nem chuva de pedra. Depois marchou para os que ainda estavam vivos. Abria a boca da cara e os que eram sugados para dentro dela tinham que morrer afogados, pois ele fechava os beiços, e eles, não respirando, morriam e eram logo postos de banda. Os outros eram levantados do chão como poeira e iam entrando para a boca das costas sem saberem como. Tudo isso numa ligeireza de relâmpago. Não ficou um só pra contar história.

O povo ficou muito contente e fez muita festa a Quibungo, mas o rei nem se abalou do lugar. Então o povo foi buscá-lo. No caminho só se viu foi aquela fumaceira: era o palácio real que estava tocando fogo. Ninguém se salvou dos que estavam com o rei. Nem ele.

Quando menos se esperou, saiu de dentro das labaredas o negrinho encantado todo vestido de fogo e de fumaça. Quibungo abaixou a cabeça e foi coroado rei daquela nação. No mesmo instante o encantado desapareceu.

O quibungo e o filho Janjão

Era uma vez um quibungo que casou com uma negra, da qual teve uma porção de filhos. Mas ele comia todos os filhos. O último, que nasceu a mulher escondeu num buraco, para que o quibungo não o comesse. Tinha o nome de Janjão, e a mãe recomendou muito a ele que, quando o pai chegasse do mato e chamasse por ele, falando em voz muito grossa, que ele não saísse do buraco. Que ela quando o chamava, para lhe dar comida, sempre falava com a sua voz fina de mulher, que ele bem conhecia. Ora, um dia, em que o quibungo não achou bicho nenhum para comer no mato, nem menino para papar na cidade onde também às vezes andava de noite, voltou muito fraco para casa, onde não havia outra carne senão a do filho, que estava escondido. Então, falando com voz fina, pela fraqueza, cantou:

Toma lá curiá, meu filho!
Toma lá curiá, meu filho!

Janjão, pensando que era a mãe, que voltava da cidade e lhe trazia a comida de que ele tanto gostava, saiu do buraco e o quibungo o agarrou, para comê-lo. O pobrezinho do Janjão, chorando, cantava:

Minha mãe sempre me dizia
Que o quibungo me comeria...
Minha mãe sempre me dizia
Que o quibungo me comeria...

E o quibungo comeu o último filho e a mulher morreu de desgosto. É por isso que o quibungo não tem mais mulher e nem filhos.

A Kandimba, o Dumbo e o Kibungo

Certa manhã, tão logo foi dormir ossanchê, os bichos foram pra clareira do sanguê. Era dia da reunião maior. O assunto do dia era: qual das criaturas, feitas por Nzambi, era a mais valente e temida. O angû-kuatá, o kangulo-sanguê e o Dumbo gritavam que eram eles. O rei Kimba chegou perto dos brinquedos, deu um urro tão forte que a maravi tremeu.

– Eu sou o rei de todos os bichos. Nzambi me deu este poder, sou o mais forte e temido.

Encostada numa raiz de mutamba estava a astuta Kandimba, se deliciando com aqueles fanfarrões, metidos a bambambãs. Subiu na raiz, escolheu um ponto mais alto, balançou suas orelhas e gritou:

– Nenhum de vocês não chegam nem aos pés de bicho Kibungo, o mais temido e valente animal de Nzambi.

Foi a maior novidade ouvida naquela mata desde que o mundo era mundo.

– “Quem é esse bicho?” Todos diziam ao mesmo tempo.

A mata viveu o maior fuzuê de gritaria, piados e urros. O Senhor Doutor Guandu foi logo dando a sua opinião:

– Isto aqui tá cheirando a Kambalacho da Siá Kandimba.

O Senhor Ingombe-omenha quase perdeu a paciência:

– Num inchumfra não, Siá, deixe de ser inzonêra, isto aqui é território dos grandes.

Senhor Kangembrê pulou faceiro e elegante no meio da roda:

– Vocês não percebem que este lero-lero faz parte da pessoa dessa inzôna?

Depois de quase luta e guerra, obrigaram Siá Kandimba levá-los até o tal bicho-homem, mas, antes, pediram a descrição da tal novidade.

– Vocês juram que não vão rir? Olhem que não estou pupiando undakaa.

O tal ente, carrega ongerê só na cabeça. Quando está feliz arreganha os beijos e sola um rosnado picado, meio estúrdio, que eles chamam de risada. Equilibra só nas patas de trás, não tem garras nem veneno.

Risada boa deu Siá Kissange:

– Isto está me parecendo descrição de alma penada.

Andaram, andaram. Chegando na casa do tal bicho-brabo, o elefante, sendo o maior dos animais, teve a palavra:

– Com licença Kibungo. Zinaracô? Prazer!

– Sou Kibungo e valente.

O Dumbo mirou de cima a baixo aquela triste figura. Não encontrou nada de bravo nela. Aquela astuta Siá Kandimba, daquela vez, tinha ido longe demais. Como é que aquele bicho besta e lerdo poderia ser o mais bravo? Não vi nada que ele pudesse se defender. Nem chifres, garras, ou patas fortes. Era pelado. Parecia um vulto. Mas guerra é guerra. Com voz, agora bem debochada, o Dumbo lhe disse:

– Siô bicho Kibungo, com a sua permissão. Nós, os bichos feitos por Nzambi, ficamos sabendo, pela boca de Siá Kandimba, que vossamecê é o bicho mais valente de todos os bichos. Ninguém aqui acredita nessa besteira. Mas desafio o senhor para um duelo. Cada um com suas armas. Quando estiver pronto, anuncie.

– Já nasci pronto pra luta, disse o estranho bicho.

Antes mesmo do Dumbo levantar sua tromba e sua patona, escutou um grande estrondo: pum! pum! O bicho-homem descarregou chumbo e fundanga na cacunda do elefante que saiu urrando de dor, espanto e medo.

Foi direto pro rio, onde suas omenha eram mais fundas, pra aliviar as doresdo corpo e da vaidade que saíram bem feridos.

Resmungava que nem um danado. Os amigos queriam detalhes do duelo.

– Quioquê! Siá Kandimba está mais que certa. Bicho-homem é

destamaninho, e de força maior que eu. É deselegante, pois nem me sodou. Acho que cheirou um pó-makara, deu um espirro segurando um pau, e olhem como eu fiquei, todo cheio de brasas, que estão me matando de dor.

Os bichos miúdos tiveram tempo de tirar a conclusão deste caso. Siá Savané disse à Kuka-Siá Tinha:

– Isto nos mostra que mesmo sendo um pequeno e fraco, qualquer um pode apelar para a inteligência, astúcia e manha e passar os grandes pra trás.

Fugas e ataques

Nenhum dos mortos era jovem demais para assaltar bebês mortos marchando para a cidade dos mortos

Por volta das duas horas da madrugada encontramos uns quatrocentos bebês mortos cantando canções de lamento e marchando para a Cidade dos Mortos. Marchavam como soldados, e esses bebês mortos não se desviavam para a mata como os adultos mortos faziam ao nos encontrar. Todos eles levavam varas nas mãos. Ao percebermos que esses bebês não se preocupavam em entrar na mata, paramos num canto da estrada para que assim eles pudessem passar calmamente. Mas, em vez disso, começaram a nos bater com as varas, e sendo assim fugimos para a mata. Não estávamos preocupados com os riscos que poderiam existir à noite naquela mata, porque para nós não poderia haver nada mais temível do que aqueles bebês. Não paramos de correr, mas mesmo quando já estávamos bem afastados da estrada eles ainda continuavam a nos perseguir. De repente, encontramos um homem enorme carregando nos ombros uma imensa sacola, e na hora em que nos viu ele nos prendeu (minha mulher e eu) dentro da sacola, assim como um pescador apanha peixes com sua rede. E quando isto aconteceu os bebês mortos voltaram para a estrada. Dentro da sacola havia muitas outras criaturas, mas que por enquanto não vou descrever. Ele nos levava cada vez mais para o interior da mata. Tentamos de todas as maneiras sair da sacola, mas era impossível, pois ela havia sido amarrada com fortes e grossas cordas. Tinha cerca de cento e cinquenta pés de diâmetro e espaço para umas quarenta e cinco pessoas. Ele carregava a sacola nos ombros, e não sabíamos para onde nos levava. Também ignorávamos se ele era um ser humano ou um espírito, e até se pretendia nos matar. Ainda não sabíamos de nada.

Com medo de tocar nas terríveis criaturas que havia dentro da sacola

Estávamos com medo de tocar nas outras criaturas que encontramos dentro da sacola, porque cada pedaço do corpo delas era frio como gelo e áspero e cortante como uma lixa. O ar que saía de suas narinas e bocas era quente como vapor, e todos permaneciam calados ali dentro. Enquanto ele nos carregava, a sacola ia batendo nas árvores e no chão, mas ele estava pouco se importando com isso; ele também não falava. No caminho encontrou uma criatura igual a ele e aí começaram a jogar a sacola de um lado para o outro. Depois ele parou com isso, continuando o seu caminho, e antes do amanhecer havíamos percorrido umas trinta milhas.

Difícil era cumprimentar e descrever as terríveis criaturas, porém mais difícil ainda era olhar para elas

Era difícil cumprimentar e descrever as terríveis criaturas, porém mais difícil ainda era olhar para elas. Às oito horas da manhã, chegando ao seu destino, a enorme criatura virou a sacola para baixo e inesperadamente caímos no chão. Foi então que vimos que as outras nove criaturas que estavam dentro da sacola eram horríveis. Olhamos em seguida para a imensa criatura que nos carregara pela mata durante toda aquela noite. De tão grande e alta parecia um gigante. Sua cabeça era igual a um grande pote de dez pés de diâmetro, e tinha dois grandes olhos na testa que se reviravam sempre que olhava para alguém. Ela conseguia enxergar um alfinete a uma distância de três milhas. Seus dois pés eram compridos e grossos como a coluna de uma casa, não havendo no mundo sapato que lhe servisse. É a seguinte a descrição das nove terríveis criaturas que estavam na sacola: eram baixas, com cerca de três pés de altura, a pele áspera como uma lixa, e a palma da mão cheia de espinhos pequenos e curtos. Um vapor muito quente saía com toda a força de suas narinas e bocas, sempre que respiravam. O corpo era frio como gelo. Não compreendíamos a sua língua, porque quando falavam parecia um sino de igreja. As mãos tinham umas cinco polegadas de espessura e eram muito curtas,

e os pés pareciam toras maciças. Não tinham forma de seres humanos ou de qualquer outra criatura da mata que tivéssemos encontrado antes. Suas cabeças eram cobertas por uma espécie de cabelo semelhante a uma esponja. Tinha um andar tão vivo que quando os seus pés pisavam no chão duro ou macio faziam um barulho como se alguém estivesse batendo ou andando sobre um piso oco. Quando caímos da sacola, e vimos essas terríveis criaturas, nós (minha mulher e eu) fechamos os olhos imediatamente por causa de sua aparência horrível e apavorante. Pouco depois, a enorme criatura nos levou para um outro lugar. Lá encontramos um morro alto, onde ela abriu um buraco para entrarmos. Em seguida entrou atrás de nós e fechou o buraco. Ainda não sabíamos que ela não pretendia nos matar, e que apenas nos capturara para sermos seus escravos. Lá dentro encontramos muitas outras criaturas apavorantes, que não posso descrever aqui. De manhã cedo levou-nos para o lado de fora, e nos mostrou a fazenda onde deveríamos trabalhar, assim como faziam as outras terríveis criaturas. Certo dia, quando eu estava trabalhando com essas nove criaturas, uma delas me insultou na sua língua, que eu não compreendia. Então começamos a lutar, mas assim que as outras criaturas perceberam que eu queria matá-la começaram, uma de cada vez, a lutar comigo. Matei a primeira que me enfrentou, e aí veio a segunda, que eu também matei, e fui matando uma por uma, até que veio a última, que era considerada a campeã delas todas. Durante a luta, ela esfregou com o seu corpo de lixa e também com os pequenos espinhos da palma de suas mãos o meu corpo, fazendo com que começasse a sangrar. Usei de toda minha força para derrubá-la, mas eu não conseguia porque não podia agarrá-la com as minhas mãos. Ela então me derrubou e eu desmaiei. Mas é claro que eu não poderia morrer porque eu vendera a minha morte. Eu não sabia que minha mulher se escondera atrás de uma grande árvore e que estava assistindo à briga.

Quando a campeã das nove terríveis criaturas viu que eu desmaiara, foi até certa planta e apanhou oito folhas. Enquanto isto minha mulher observava tudo o que acontecia. Em seguida essa criatura foi até os seus companheiros, espremeu as folhas até sair um líquido que colocou nos olhos de cada um deles, despertando-os no mesmo instante. Logo depois foram procurar o seu patrão (a enorme criatura que havia nos trazido para

aquele lugar) para comunicar o que acontecera na fazenda. Entretanto, assim que se afastaram, minha mulher foi até a tal planta, e tirando uma folha fez o mesmo que a campeã havia feito. Quando ela pingou o líquido nos meus olhos, eu acordei imediatamente. Como ela havia conseguido apanhar toda a nossa bagagem antes de sair do buraco, foi-nos possível fugir de lá. E, antes que as nove terríveis criaturas chegassem ao local onde o seu patrão morava, nós já estávamos longe. Foi assim que escapamos da imensa criatura que nos prendera em sua sacola.

Para que essa criatura não nos pegasse outra vez, viajamos dia e noite sem parar. Dois dias e meio depois, alcançamos a estrada dos mortos, onde os bebês mortos haviam nos perseguido, e ao chegarmos lá tivemos que nos afastar por causa dos apavorantes bebês que lá continuavam.

A menina e o quibungo

No tempo do quibungo, menino não podia sair à noite sozinho. O quibungo andava ao redor das casas, gemendo: – hum! hum! hum! Quando encontrava algum menino, pegava para comer.

Havia uma mulher que tinha uma filha. A menina gostava muito de sair todas as noites para andar abaixo e acima, pela casa dos parentes e dos vizinhos. A mãe dela sempre dizia:

– Minha filha, não saia de casa de noite, que o quibungo lhe pega e lhe come!...

A pequena, porém, que era muito teimosa e mal-ouvida, não se importava. Até que, uma noite, o quibungo agarrou-a, botou-a nas costas, levando-a para comer. A menina pegou a cantar:

Minha mãezinha, Quibungo tererê,
Do meu coração,
Quibungo tererê,
Acudi-me depressa,
Quibungo tererê,
Quibungo quer me comê.

A mãe da menina respondeu:

Eu bem te dizia,
Quibungo tererê,
Que não andasses de noite,
Quibungo tererê.

Ouvindo isso, ela chamou pelos demais de casa; mas ninguém quis acudir-lhe, respondendo todos da mesma maneira. Lá se foi a pobrezinha

chorando, nas costas do quibungo. Passou pela casa dos outros parentes, e nenhum veio tomá-la das mãos do quibungo. Foi quando a avó ouviu aquela alaúza do povo, correndo e gritando:

– O quibungo carregou fulana... É-vem ele com fulana nas costas...

Aí, a velha correu mais que depressa, botou um tacho d'água no fogo para ferver e meteu um espeto nas brasas. Quando foi chegando perto da casa da avó, a menina foi cantando:

Minha avozinha,
Quibungo tererê,
Do meu coração,
Quibungo tererê,
Acudi-me depressa,
Quibungo tererê,
Quibungo quer me comê.

Respondeu a avó como os demais parentes haviam respondido. O quibungo, então, foi passando muito satisfeito. A velha agarrou o tacho d'água fervendo, saiu atrás dele e – zás – sacudiu-lhe nas canelas. O quibungo deu um pinote muito grande, atirando a menina no chão. Foi quando a velha deu de mão no espeto, que estava vermelho em brasa, e enfincou-lhe no pescoço, matando-o. Tomou a neta para si e nunca mais deixou que ela fosse à casa dos pais. Também a menina não quis mais sair de noite, para andar abaixo e acima.

O bicho Ponguê

Era uma vez uma menina que não parava em casa. Se sua avozinha a mandava a algum lugar, demorava-se pelas estradas, distraída a brincar.

Um dia saiu a um mandado, e por lá ficou horas esquecidas.

Mal se precatou, apareceu-lhe o bicho Ponguê que por força queria comê-la.

A menina começou a chorar:

– Não me mates, não. Deixe-me chegar à porta de minha madrinha.

O bicho consentiu. E lá foram os dois. Chegaram, e a menina cantou batendo à porta:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha madrinha,
Candombe-serê,
Que o bicho Ponguê,
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

E a madrinha respondeu:

Não te abro a porta,
Candombe-serê,
Minha afilhadinha,
Candombe-serê,
Eu bem te dizia,
Candombe-serê,
Que o bicho Ponguê,
Te havia de comer.

O bicho Ponguê quis, de novo, matar a menina. Mas ela pediu-lhe que a deixasse ao menos chegar à porta de sua irmãzinha casada. Foram: Lá chegando, a coitadinha cantou:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha irmãzinha,
Candombe-serê,
Que o bicho Ponguê,
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

A irmã respondeu-lhe, pela mesma toada, que não.

O bicho avançou para a menina, que lhe rogou para que a deixasse chegar à porta da tia. Novo canto e nova negativa da tiazinha. A menina pede para bater à porta da sua avozinha. Chegam. O bicho já estava impaciente, e a menina pôs-se a cantar. A avó respondeu-lhe que bem lhe dizia que o bicho Ponguê a havia de comer. O bicho deu então um salto para devorar a menina. Ela chorando, ainda lhe pediu que a deixasse chegar à porta de sua mãezinha. Caminharam. Chegando, a menina cantou, com as lágrimas nos olhos e soluçando que fazia dó:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha mãezinha,
Candombe-serê,
Que o bicho Ponguê,
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

A mãe ouvindo a vozinha de sua filhinha correu a abrir a meia folha da porta, por onde entrou a menina. O bicho deu um salto. Ainda arranhou-a num dos ombros, deixando-a muito ferida. Mas teve de recuar, porque a porta se fechou.

Quando os irmãos da menina se levantaram, de madrugada, para o trabalho, deram com o bicho Ponguê dormindo debaixo de uma árvore, em frente da casa, à espera da menina. Foram muito devagarzinho apontaram as armas e o mataram.

A menina, daí por diante, nunca mais se demorou, quando ia aos mandados de sua mãezinha ou da avozinha.

O bicho cumunjarim

Era um dia um homem casado que tinha uma porção de filhos. No lugar onde ele morava, havia um quibungo, que, quando encontrava uma casa só com mulheres e crianças, com a porta aberta, de noite, entrava para comer os meninos.

De uma feita, o homem saiu para viajar, recomendando muito à mulher que não deixasse a porta aberta de noite, para o bicho não comer os filhinhos deles. Assim mesmo ela fazia; mas, uma noite estava tão atrapalhada com aquele bandão de meninos – um grita, outro chora, outro choraminga, lava pé de um, deita outro... – que se esqueceu de fechar a porta da rua. Quando ela olha, lá está o quibungo, com os olhos arregalados para dentro da casa. Os meninos, coitados, ficaram para morrer de medo. Uns esconderam-se debaixo da cama, outros agarraram-se à saia da mãe, chorando.

O quibungo entrou, fechou a porta, pegou num dos meninos, e perguntou à mulher:

De quem é este menino?
Cumunjarim,
Cumunjarim gombê, humm.

Respondeu a pobre, tremendo:

Esse menino é de meu marido,
Cumunjarim,
Cumunjarim gombê, humm.

Tornou o quibungo:

- Pois eu já vou comendo ele,
Cumunjarim,
Cumunjarim gombê, humm.

Lapo... Comeu o menino. Da mesma maneira, comeu os outros todos. Quando acabou de comer o último, que já ia comer a mulher também, bateram na porta. O quibungo perguntou:

- Tum-tum-tum, quem bate aí?
Cumunjarim,
Cumunjarim gombê, humm.

Ouvindo aquela voz dentro de casa, o homem meteu o resto na porta e entrou:

- Mulher, eu não lhe disse que não deixasse a porta aberta para o quibungo não entrar? Que descuido foi este?

E avoou em cima do quibungo, encostando-lhe o cacete de rijo. O quibungo correu para a porta, mas o homem a tinha fechado. Então disse:

- Esse casa num tem prota?

O homem em cima dele, de pau, que estava como uma cobra. O quibungo – pum! – soltou uma bufa e correu para a janela, topando-a fechada:

- Esse casa num tem janela?

Pau nele, pau, pau. O quibungo – pum! pum! – ao redor da casa, procurando um buraco para meter a cabeça e escafeder-se para o lado de fora:

- Esse casa num tem buraco?

Para onde se botava o quibungo, o homem de cacete no couro dele, cacete, cacete, até que o matou. Arrastou o bicho para o mato e foi sozinho pelo mundo afora, desgostoso, porque a mulher deixara a porta aberta para o quibungo comer seus filhos.

Titi maruê

Um homem era casado e tinha uma filha. Enviuvando, foi morar em casa de uma irmã que não gostava nada da sobrinha. O homem saía todos os dias para trabalhar. Depois de algum tempo, a mulher deu para se virar num bicho enorme, todo preto cabeludo, quando calculava que o irmão estava longe de casa. Botava-se para a menina, que começava a gritar pelo pai, dizendo:

Muzambê, muzambê,
Titi Maruê quer me comê.

Gritava, gritava, até ele ouvir e voltar. Quando o irmão ia chegando perto da casa, a mulher se desencantava muito depressa e dizia que era mentira da sobrinha. O homem então ralhava muito com a filha e até lhe dava pancada.

Um dia, já meio desconfiado, disse:

- Eu hoje hei de ver se isso é verdade ou não, desta menina...

Saiu com a espingarda carregada e escondeu-se no mato, perto de casa. No mesmo dia a mulher dissera consigo: "Eu hoje te como, haja o que houver".

Deixou passar uma porção de tempo, depois da saída do irmão, que era para, quando a menina o chamasse, ele não ouvir, e virou-se naquele bichão, dando um pulo para pegar a pobrezinha; mas esta, que vivia prevenida, correu pela porta afora, gritando nos termos do costume. E o bicho atrás, danado para passar-lhe o dente.

A menina não teve outro jeito senão subir num pé de pau para

não cair nas unhas da fera, que se abraçou ao tronco da árvore, furiosa, embalçando-a com toda a sustância, para ver se a criança caía. Porém, ela estava segura lá em cima, que nem carrapato. Vendo que a pequena não se despencava no chão, começou a cavar a terra ao redor do pé da árvore, cortando-lhe as raízes com unhas e dentes.

O homem, ouvindo os gritos desesperados da filha, veio vindo pé ante pé. Foi quando enxergou aquele bicho medonho, assanhado como uma cobra, que até ele mesmo ficou com os cabelos arrepiados. Meteu-lhe a espingarda em cima, que foi uma só.

Bicho-Homem

Foi um dia um homem que tinha uma porção de filhos, e morava lá nas brenhas do mato, onde fez uma casa muito segura, pois podia aparecer algum bicho para comer os meninos. Quando ele saía de casa, recomendava sempre à mulher:

– Você feche bem a porta por causa do bicho-homem não vim comer nossos filhos.

Uma noite, que o marido tinha saído, ela, muito entretida com o seu quefazer, esqueceu-se de fechar a porta. Estava bem desencalmada, lidando, quando o bicho-homem entrou pela casa e foi até à cozinha. A pobre ficou sem pinga de sangue. O bicho-homem foi agarrando um dos seus meninos e perguntando, com aquela voz muito grossa, de fazer medo:

E de quem é,
E de quem é,
Este menino?

A mulher, toda trêmula, respondeu:

Esse menino,
Esse menino
É de meu marido.

O bicho tornou:

Apois eu quero,
Apois eu quero
Ele pra mim.

A mulher, coitadinha, disse:

E vosmincê,
E vosmincê
Pode tomar.

Então o bicho - lapo!... - comeu o menino. Assim, comeu todos os outros. Quando estava comendo o último, a mulher, vendo que também ia ser comida, disse com voz de choro:

Tomara o galo,
Tomara o galo
Já cantar.

Perguntou o bicho:

- Para quê?

A mulher:

Pro bicho-homem,
Pro bicho-homem
Não me comer.

Quando foi acabando de falar, o bicho foi saltando em cima dela e engolindo-a inteirinha. Porém ficou com a barriga tão cheia, que não podia dar nem um passo. O homem, chegando em casa, meteu-lhe o pau até matá-lo. O pobre ficou muito desgostoso da vida, indo-se embora pelo mundo afora.

O bicho-homem

No fundo das matas virgens e encostas das escarpadas serra de São João das Missões de Januária, segundo lendas antigas, morava o bicho-homem. Rezavam elas que em tempos primitivos, dezenas de índios caçadores e meladores daquela aldeia foram por ele devoradas.

Diziam-no um gigante tão alto, que sua cabeça tocava as frondes das mais altas árvores, tendo um olho só, um pé só, pé enorme, redondo, denominado por isto de pé-de-garrafa.

Afirmavam que em eras não mui remotas, um dia pela Estrada Real apareceram as pegadas extraordinárias jamais vistas, de uma criatura humana. Mais de vinte cavaleiros infrutiferamente seguiram-nas por muitos dias.

A ideia e o perigo de encontrar-se com o bicho-homem os dissuadiram da empresa. Não poucos atestavam tê-lo visto, pintando-o com cores vivas e tão vivas, que nunca mais na aldeia essas se apagaram da imaginação aborígene.

De tempos a tempos sucedia que lenhadores, caçadores e meladores, amedrontados e escarreirados das brenhas e carrascais aos gritos do bicho-homem, alarmavam a aldeia.

Esses gritos eram horrorosos; e se um dia por desgraça, saísse o bicho dos seus esconderijos das montanhas, bastaria um só para arrasar o mundo.

Sua existência estava povoada por sinais de seus dedos monstruosos e aguçadas unhas, lanhando as terras vermelhas e pedras das paredes dos

altos montes, os escalavrados cor de sangue das ladeiras íngremes, e mais que tudo, os pedaços de sua longa cabeleira que de passagem deixava-os pendurados nas ramagens. E aos bocados apanhando-os juravam e juravam tanto por essa existência, tais a certeza e a convicção dessa verdade, que as gerações modernas nunca mais a esqueceram.

Um dia, em 1893, em demanda do arraial do Jacaré, ribeirinho povoado do São Francisco, fronteiro ao grande morro do Itacarambi, chegara de carreira um tapuia das cercanias, conduzindo três filhinhos.

Ali entrara desvairada, gritando, pedindo socorro, bradando misericórdia. Cercaram-na, indagando a causa.

Era o bicho-homem que gritava na floresta, tendo descido as montanhas; que lá vinha errando e o mundo estava pr'acabar.

Que bem diziam os seus antepassados!

Ela e muita gente sua tinha ouvido os seus horrores.

Por essas catingas, apontava ela, estirando à direita, em busca da beira do rio, muito povo, muito povo correndo!

Causava lástima ver o estado triste, desesperador, dessa pobre criatura em desalinho, roupas em tiras, olhos esbugalhados, apontando sempre quase louca em rumo às montanhas interiores.

– Ah! O bicho-homem! Ouvi gritar! É horroroso! É horroroso, Virgem Mãe do Céu!

O povo olhava atônito para o fundo escuro das selvas, onde, a um canto ao norte, se alteiava o dorso gigante do Itacarambi.

Estaria, porventura, o monstro por detrás do fabuloso e vizinho monte?

Existia a lenda.

De fato, seria verdadeira a historia do bicho-homem? Seria mentira dessa cabocla e deveras andariam outros correndo, amedrontados como ela?

– Uai! uai! uai! uai! ai! ai!... ô! ô! ô! ô!... ai! ai! ai! ai! ai! uai!... ai! ai! ai! ô! ô! ô! ô!... bradara desse instante forte por mais de três léguas em torno de um grito formidável, de ferro, realmente pavoroso de lástima, alto, profundo, imenso, aterrador e pungente, vale em fora – o apito de vaia, descomunal, vagabundo, peralta, desmantelado, gracista, metido a sebo e pedante, do vapor Rodrigo Silva de passagem por aquele porto.

O quibungo e o menino do saco de penas

Era um menino que, desde que teve entendimento, começou a andar no mato armando laços e arapucas para pegar passarinhos. De cada um que ele pegava, tirava uma pena da asa e outra do rabo, guardando-as num saco. Chegou assim a juntar um saco de penas. Seu pai e sua mãe perguntavam:

- Meu filho, para que é que você junta esta porção de penas?
- Deixe estar, que elas hão de servir! – respondia o menino.

De uma feita, toda a família do menino reuniu-se para ir fazer uma pescaria num rio muito longe. Desde a véspera começaram a se aprontar para a viagem: uns fazendo comida para levar, outros consertando os seus anzóis, os seus puçás, os seus munzuás, as suas redes. O menino, porém, estava bem quieto. Quando foi na hora da partida, ele agarrou o seu saco de penas e botou-o nas costas. Perguntou-lhe o pai:

- Meu filho, aonde vai você com esse saco de penas?
- Eu preciso dele, meu pai. Deixe estar.

Quando chegaram ao lugar da pescaria, cada qual foi arriando a sua trouxa. Porém o menino, com o seu saco agarrado. Prepararam-se todos, entraram no rio e começaram a pescaria. Uns diziam:

- Ih! Minha gente, aqui tem quibungo...
- Qual o quê! Não tem... – respondiam os outros.

Estavam nesta contenda, – tem, não tem, – quando ouviram aquele ronco medonho dentro do mato, lá muito longe. Fizeram uma alaúza terrível entre si.

- Ei! Minha gente é o quibungo!
- Eu bem que dizia que aqui tem quibungo!
- O que há de ser agora?
- Daqui que a gente chegue em casa está tudo perdido: o quibungo nos come!

Quando quiseram correr, o menino disse:

- Minha gente, esperem aí. Ninguém corra, não. Fiquem quietos. Sosseguem. Cada um vá segurando bem o seu peixe.

Dito isso, mandou que ficassem todos em fila, um atrás do outro, e foi entregando a cada um uma pena de asa e outra de rabo de passarinho, recomendando:

- Prendam a pena de asa nos dentes e a de rabo debaixo do braço.

Quando acabou de distribuir as penas por todos, sacudiu o saco de boca para baixo e as duas últimas que caíram foram para ele. Em seguida, ficou no último lugar da fila. Foi quando eles viram aquele quibungo enorme, roncando e quebrando mato. Logo que foi chegando junto do primeiro da fila, foi estendendo as unhas para agarrá-lo. Aí, o menino cantou:

Esse é meu pai,
Auê,
Gangaruê, tu cai,
Não cai.

O quibungo deu um urro – exe! – e encolheu a mão, dirigindo-se ao segundo da fila. O rapazinho cantou:

Essa é minha mãe,
Auê,
Gangaruê, tu cai,
Não cai.

Assim, o quibungo passou por todos os parentes do menino, sem poder pegar nem um deles, porque, quando ia estendendo as unhas para agarrá-los, ele cantava daquele jeito.

À medida que o quibungo ia avançando, iam nascendo asas aos que deixava atrás. Quando foi chegando junto do menino, este prendeu as penas do modo que recomendara aos outros, e também lhe nasceram asas. Então eles todos fizeram – rrrúuu... – voando por ali fora em casa. Foram chegando e sentando-se no terreiro para descansar. Alguns disseram:

– Agora o quibungo não vem mais. Vamos tratar os peixes.

Respondeu o menino:

– O quibungo vem.

Ficaram então pensando como havia de ser para eles darem cabo do maldito quibungo. O menino foi e lembrou, o seguinte:

– Vamos cavar um buraco bem fundo aqui em frente da porta e depois enfincamos uns estrepes dentro. Na beira do buraco se faz uma figura parecendo gente. Quando o quibungo vier para pegar a figura, enganado, cai dentro do buraco e se estrepa todo. Aí, a gente acaba de matar ele.

Foi dito e feito. Cavado o buraco e fincados os estrepes, taparam-lhe a boca com umas varas e folhas de bananeira, botando uma camadinha de terra por cima. Acabado esse serviço, armaram a figura na porta da casa com duas varas em cruz, enfiando nelas uma calça e uma camisa, e pondo um chapéu ao alto. Quando ficou tudo pronto, foram se esconder.

Daí a pouco ouviram o quibungo roncar. Assim que ele foi chegando, foi vendo a figura na porta e dando um pulo para agarrá-la; mas caiu dentro do buraco e estrepou-se. Já sabe. O pessoal acudiu todo, e, homens, mulheres e meninos, uns de cacete, outros de facão, outros de foice, voaram em cima dele, liquidando-o num abrir e fechar d’olhos.

Foi uma pagodeira em casa, porque finalmente estavam livres daquele quibungo terrível e podiam ir pescar, quando quisessem, sem medo nenhum, ficando todos muito satisfeitos com o menino que tinha feito com que eles não caíssem nas unhas do bicho e, por fim, ensinado o meio de darem cabo do mesmo.

O quibungo e o homem

“ Quibungo é um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e também um grande buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. Come os meninos, abaixando a cabeça, abrindo o buraco e jogando dentro as crianças.

Foi um dia, um homem que tinha três filhos, saiu de casa para o trabalho, deixando os três filhos e a mulher. Então apareceu o quibungo que, chegando a porta da casa, perguntou, cantando:

De quem é esta casa,
auê
como gérê, como gérê,
como era?

A mulher respondeu:

A casa é de meu marido,
aué
como gérê, como gérê,
como era.

Fez a mesma pergunta em relação aos filhos e ela respondeu que eram dela.

Ele então disse:

Então, quero comê-los
aué,
como gérê, como gérê,
como era.

Ela respondeu:

Pode comê-los, embora,
auê,
como gérê, como gérê,
como era.

E ele comeu todos três, jogando-os no buraco das costas.

Depois, perguntou de quem era a mulher, e ela respondeu que era de seu marido. O quibungo resolveu comê-la também, mas quando ia jogá-la no buraco, entrou o marido armado com uma espingarda de que o quibungo tem muito medo. Aterrado, quibungo corre para o centro da casa para sair pela porta do fundo, mas não achando, porque as casas dos negros só tem uma porta, cantou:

Arrenego desta casa,
auê,
Que tem uma porta só,
auê,
Como gérê, como gérê,
como era.

O homem entrou, atirou no quibungo, matou-o e tirou os filhos pelo buraco das costas. Entrou por uma porta, saiu por um canivete, el-rei meu senhor, que me conte sete”.

Quibungo na festa da aranha

“ Quiansi deu uma festa grande e convidou os bichos “encantados”, menos Quibungo. Ele soube porque Aquilão Grilo levava todas as noites cantando:

Tiriri, tiriri
Vamos pra festa
De Quiansi

Ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. Manhãzinha cedo, saiu pelo mato e ouviu a Calanga conversando com o Quiajapá:

Aiué, aiué, Quiapajá,
Vamos pra festa
De Quiansi.

Quibungo ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. E assim ia se escondendo e sabendo de tudo, de quem ia, de quem não ia e até que não o queriam lá.

No dia, o terreiro encheu-se. A festa era mesmo d’aquelas. Quibungo veio se mongando, pelas beiradas do lugar em que todos batiam com as cabeças apoiando o que a velha e sabidona Quiansi dizia. Estirava o pescoço e – paco! – um bicho pro “mastigo” da boca das costas. Um casal de Quiocá que estava falando mal dele foi à conta: entrou também no buraco.

O estrago era grande. Pra não dar na vista, Quibungo entrou no mato, deu uma volta e apareceu do outro lado de terreiro, todo sambanga, fingindo alegria:

Bungo Quibungo
Vim pra festa
De Quiansi.

Os bichos debandaram pra todos os lados, com medo. Isso mesmo que ele quis. Numa ocasião dessas quando ele abriu a boca das costas pra botar mais, os Quiocá saltaram de dentro e pernas no mundo. Ele viu. Deu nas canelas atrás. Sugou-os com as ventas que foi aquela beleza. Grudou os dois pelas orelhas e foi cantando de alegria:

Ocalume, Ocacái
Pra mala de Quibungo
Vai, vai.

Estava nisso quando deu um jeito. A barriga das costas abriu-se e todos os bichos que ele tinha pegado arribaram. Quibungo aí soltou os Quiocá, que se largaram a correr, pula aqui, salta acolá. Quibungo ia atrás deles, mas se entretteve com a música de Aquilão Grilo:

Tiriri, tiriri
Bungo, Quibungo
Mongo, Mongongo.
Quicôlo, Quicôlo.

E Quibungo ficou dançando a música de Aquilão Grilo sem perseguir os outros "encantados".

A terrível parábola

A Mãe-Preta contava:
uma meninazinha
morava num sobrado
com uma cachorrinha.
E no meio da noite bateram na porta
e cantou lá fora

o Kibungo-Gerê
– “Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!...
Cadê a Zabelinha, que eu quero comer!...”

Mas a cachorrinha, acordada,
cantou para o bicho
Kibungo-Gerê:

– “Zabelinha já lavou,
já deitou,
já dormiu!...”

E pela noite afora
foi andando embora
o Kibungo-Gerê

A menina, com raiva,
matou a cachorrinha.
Mas na outra noite,
quando o bicho voltou,
a cachorrinha morta cantou no quintal...

A menina, de raiva, enterrou a cachorrinha,
a menina, de raiva, queimou a cachorrinha,
a menina, de raiva, jogou no rio a cinza
da brava cachorrinha,
que cantava acordada,
que cantava morta,
que cantava enterrada,
que cantava nas cinzas,
que parou de cantar..

E a menina acendeu todas as luzes do sobrado,
para esperar o bicho
Kibungo-Gerê.

E o bicho voltou,
Kibungo-Gerê
e o bicho cantou,
Kibungo-Gerê!...
e foi abrindo a porta,
Kibungo-Gerê!...
e foi subindo a escada,
Kibungo-Gerê!...Kibungo-Gerê!...
Kibungo-Gerê!...

**Conversas
com quibungos**

Lobishome e a menina

Menina, você onde vai?

“Eu vou na fonte”

– Que vai fazer?

“Vou levar de comer.

À minha mãezinha.”

– O que leva nas costas?

“É meu irmãozinho.

– O que leva na boca?”

“É cachimbo de cachimbar...”

Ai! Meu Deus do céu,

O bicho quer me comer,

O galo não quer cantar,

O dia não quer amanhecer,

Ai, meu Deus do céu!”

A aranha caranguejeira e o quibungo

Houve uma seca muito grande e não tinha nada para os bichos comerem. Então, apareceu uma árvore cobertinha de frutas maduras, muito doces, e todos eles foram comer. Só a aranha caranguejeira não pôde ir, porque tinha de atravessar um rio muito largo para chegar ao pé da árvore. Passou o urubu e a aranha disse:

- Ôi! Urubu, me leva, que eu também quero ir comer uma fruta.
- Trepá aqui nas minhas costas, respondeu o urubu.

A aranha encarapitou-se nas costas do urubu, que saiu voando por ali afora, em busca da árvore... Chegando lá, arriou a aranha, e, quando foi para comer uma fruta, ela gritou-lhe:

- Não, urubu, essa é minha. Eu já tinha marcado ela para mim, assim que fui chegando.

O urubu voou e foi pousar junto a outra fruta. E, quando foi fazendo menção de bicá-la, a aranha tornou a gritar, dizendo:

- Não, urubu, essa não, que eu também já tinha marcado para mim.

E assim fez todas as vezes que o urubu ia comer uma fruta, até que o pobre do bicho se aborreceu com aquilo, voou e foi-se embora com a barriga vazia, deixando a aranha sozinha. Quando a aranha matou bem a fome, desceu e pôs-se em caminho para casa. Chegando, porém, à beira do rio e não podendo atravessá-lo, começou a chorar e a maldizer-se da sorte. Nisso, veio o jacaré e disse:

- Comadre aranha, vamos para casa. Vosmincê dorme hoje lá com a gente e amanhã eu mando os meninos lhe passarem. Foram chegar em

casa já de noite. O jacaré disse aos filhos que fizessem logo a cama da aranha, que ela estava muito cansada. Os jacarezinhos fizeram a cama dentro do ninho do jacaré, em cima dos ovos. Assim que a aranha se agasalhou, foi recomendando:

– Compadre, mande me passar bem cedo.

E começou a comer os ovos. Quando ela quebrou o primeiro – paco!

– os meninos, pensando que a aranha estava se soltando, gritaram:

– Bufo de hóspede, papai!

O jacaré repreendeu-os:

– Meninos, deixem comadre aranha dormir!

Nessa pândega levaram a noite inteira. De vez em quando a aranha quebrava um ovo – paco! – e os meninos gritavam que era “bufo de hóspede”, enquanto o jacaré, arreliado, mandava que eles se calassem, para a aranha dormir. Mal foram rompendo as barras do dia, a aranha, que já tinha metido no papo todos os ovos do jacaré, gritou:

– Compadre, mande os meninos me levarem.

– Ainda é muito cedo, comadre.

– Não é não, compadre. Eu tenho muita pressa de chegar em casa.

Tanto insistiu, até que o compadre mandou os filhos passarem-na.

Quando o jacaré foi ver o ninho, que só encontrou as cascas dos ovos, ficou para a vida não ter. Correu à beira do rio e gritou aos filhos que já iam bem longe:

– Meninos, tragam a comadre aranha cá...

Aí, disseram os jacarezinhos:

– Olhe! Papai está dizendo para a gente levar vosmincê lá.

– Qual nada, retrucou a aranha. O compadre está dizendo para vocês me levarem depressa. Botem a canoa para frente.

E o jacaré, na beira do rio, acabando-se de gritar:

– Meninos, tragam comadre aranha cá...

Os jacarezinhos bem que estavam ouvindo. Mas a aranha repetia que o pai deles estava era mandando levarem-na depressa. Assim que a canoa foi chegando à beira do rio, a aranha foi pulando em terra e, mais que depressa, escondendo-se no mato.

Saiu a aranha por ali, bangolando, quando viu o quibungo pescando e atirando os peixes para trás das costas. Foi chegando-se devagar, e

começou a comer os peixes. Que, quando o quibungo acabou de pescar e foi apanhá-los, não encontrou um só. Disse o quibungo:

– Ah! Foi você, aranha, que comeu os meus peixes? Eu quero eles já pra aqui.

– Não fui eu que comi os seus peixes, não, quibungo.

Estavam nesta rezinga: – foi, não foi, foi, não foi. Nisso passa uma juriti voando: – rrrum...– Então, a aranha disse:

– Ah! Juriti! Se eu não te tivesse feito ficar bonita assim desse jeito, tu não irias voando por aí afora, tão contente.

Ouvindo essas vozes, o quibungo perguntou mais que depressa:

– Ôi! Aranha, tu sabes fazer a gente ficar bonito?

– Ora se sei.

– Pois, então eu quero que tu me faças ficar bonito.

– Está bem. Vamos andando.

Lá se foram os dois por ali afora. Chegando adiante, encontraram um roçado muito grande e a aranha mandou que o quibungo experimentasse todos os tocos de pau, até encontrar um bem resistente. Afinal o quibungo deu com um toco como a aranha queria. Então disse a bicha:

– Quibungo é aqui. Agora vai ver um bocado de cipó, do mais grosso que encontrares.

O quibungo foi para o mato e voltou gemendo debaixo de um rolo de cipós tão grossos que se podia amarrar um boi com cada um deles. Aí, disse a aranha:

– Encosta-te aqui no toco, para eu te amarrar bem, que é para eu te fazer ficar bonito.

O tolo do quibungo encostou-se ao toco e a aranha enlinhou-o, enlinhou-o, amarrou-o, amarrou-o, até que ele ficou sem poder se mexer.

– Quibungo, vê lá se tu podes te bulir, disse então a aranha.

Qual nada. O quibungo inchou nas coronhas, mas foi inútil. Estava tão arrochado que não podia nem dizer – piu! A aranha, aí, deu uma risadinha gostosa, puxou por uma quicézinha bem amolada, começando a cortar os pedacinhos de carne do quibungo e a comê-los. O pobre gritava pelo rei de França. Porém a aranha bem de seu. Quando encheu o bucho, foi-se embora. No dia seguinte, voltou e tornou a comer um bocado do quibungo. Assim fez todos os dias, até que o deixou nos ossos.

A todo bicho que passava, o quibungo pedia para lhe cortar os cipós que o prendiam ao toco. Mas nenhum quis fazer-lhe o favor, dizendo:

– Eu não. Para, quando acabar, tu ires comer meus filhos...

Por fim, passou o cupim e ele pediu com voz de choro:

– Cupim, me dá aqui nestes cipós, cupim...

– Eu não. Para, quando acabar, tu ires comer meus filhos.

– Me solta, cupim, que eu não como mais, não!

Tanto pediu, tanto rogou, até que o cupim juntou todos os companheiros e num instante roeram os cipós.

Assim que o quibungo se viu solto, foi logo em procura da aranha, que já andava muito longe.

Passado algum tempo, houve uma seca muito grande e os bichos reuniram-se para fazer uma fonte. Então o quibungo pensou logo em pegar a aranha. Todos os dias ficava de sentinela na fonte, para ver se lhe punha a mão em cima, quando ela fosse beber água.

A aranha ficou matutando um meio de ir beber na fonte, sem ser reconhecida pelo quibungo. No final das contas, achou o couro de um veado que havia morrido esturricado de sede. Meteu-se dentro dele e saiu por ali afora, toda borocochó, cai aqui, cai acolá, sem poder com o peso do couro, até que deu na fonte. Chegando lá, o quibungo perguntou-lhe:

– Oh! Amigo veado, o que foi que você teve, que ficou seco assim desse jeito?

Respondeu a aranha, de dentro do couro, dando um suspiro muito comprido:

– Ai! Amigo quibungo... hum! Quem me pôs assim neste estado, que você está vendo, foi aquela malvada da aranha caranguejeira, aquela excomungada!

– O quê? A aranha caranguejeira? Ah! Amigo veado, se você soubesse o que aquela peste me fez...

Aí contou-lhe o que se passara, arrematando:

– Mas deixe estar, que eu pego ela aqui e dou-lhe o troco.

A aranha desceu, chegou à beira da fonte, bebeu água, tomou banho e raspou-se. Quando já estava um bocado distante, saiu de dentro do couro do veado, subiu numa árvore bem alta e gritou:

– Quibungo! Ôi! Quibungo!... Sou eu, olha.

O quibungo ficou furo de raiva, porém, não pode agarrá-la.

O Quibungo e a cachorra

“ Foi um dia uma cachorra cujos filhos, todas as vezes que ela paria, eram comidos pelo Quibungo. Então para poder livrar os novos filhos do Quibungo que queria comê-los, meteu-os num buraco e ficou sentada em cima, vestida com uma saia e um colar no pescoço. Chegando o Quibungo e vendo a cachorra assim vestida, a desconheceu e teve medo de aproximar-se. Então passando o Cágado, ele perguntou-lhe:

Ótavi, ótavi, longôzôê
ilá ponô êfan
i vê pondêrêmunhôtô rô men i cós
assenta ni ananá ogannê sô arôrô ale nuxá.
Né só arorô ale nuxa?

O Cágado respondeu: “Não sei, Quibungo”.

Passou a raposa. Quibungo fez a mesma pergunta cantando, e a raposa respondeu que não sabia. Passou então o coelho e o Quibungo fez-lhe ainda a pergunta; foi quando este disse: “Ora Quibungo, você não conhece a cachorra vestida de saia com o colar no pescoço?” Ah, o Quibungo correu atrás da cachorra para matá-la, e esta atrás do coelho. Nesta carreira entraram pela cidade. Os homens mataram o Quibungo e a cachorra matou o coelho. Entrou por uma porta e saiu pela outra, rei meu senhor, que me conte outra”.

A filha que ficou com o seu pai

Reza assim:

Um homem separou-se da mulher com quem tinha gerado uma filha e contraiu matrimônio com outra.

Um dia, o dito homem ausentou-se para longe. A mulher ficou em casa. Mandou a rapariga (enteada) e disse:

– Vai buscar água!

A rapariga, ao tirar a água, danificou a cabaça. Chegada à casa, disse à mulher do pai:

– Estraguei a cabaça!

A mulher disse:

– Porque estragaste a minha cabaça! Tens de mandar consertar a minha cabaça! Para isso não se podem empregar folhas de palmeira; a minha cabaça só se conserta com pelos de barbas de monstro!

Disse a pequena:

– Onde hei-de encontrar eu os monstros?

A rapariga pôs-se a caminho, a ver onde podia encontrar os monstros. Depois de os ter encontrado disse:

– Monstros, quero contar-vos uma cançãozinha!

E começou:

– A cabaça da minha mãe não se conserta com fibras, conserta-se com pelos de barbas de monstro.

Os monstros, achando graça, bateram palmas (para marcar o ritmo do canto e da dança). Enquanto batiam palmas, todos os monstros

vieram, um a um, tomar parte na dança. Quando se viraram para o outro lado, a pequena arrancou pelos das barbas de um deles e fugiu. Mandou depois consertar a cabaça. Pronto o conserto, levou a cabaça a mulher do pai. E disse:

– Cá está a tua cabaça. Eu vou-me embora, para a minha mãe!

A pequena foi para a casa de sua mãe. Tendo o pai regressado, disse:

– Onde está a minha filha?

A mulher disse:

– Eu sei lá!

Retorquiu o homem:

– Dizes que não sabes! Não foste tu que ficaste com a pequena?

Tornou ela:

– Eu não sei para onde ela foi.

O pai pôs-se a caminho, indo-a procurar a casa da própria mãe.

Tendo-a aí encontrado, disse:

– Porque saíste de casa?

– Saí, porque, quando a mãe me tinha mandado buscar água, eu estraguei a cabaça. Chegando à casa, a mãe ralhou-me e disse: “Não mandes consertar a cabaça com fibras, mas com pelos de monstro”. Eu fui ter com os monstros e trouxe as barbas de um deles. Quer dizer: eu sou esperta – se não fosse isso, os monstros ter-me-iam devorado. Depois de ter acabado o conserto, entreguei a cabaça à mãe.

O pai, ouvindo isto, ficou muito irado. Saiu dali, veio ter com a sua mulher e disse:

– Trás cá a cabaça que a pequena foi à água!

A mulher recusou e disse:

– Para que queres vê-la?

Ele disse:

– Por nada. Quero só vê-la.

Depois de a haver trazido, disse o homem:

– Isto aqui, com que se consertou a cabaça, o que vem a ser?

Disse ela:

– São pelos da cauda do boi.

Respondeu-lhe então:

– Estás a mentir, queres-te fazer esperta! Tu enviaste a pequena ter

com as feras, depois de te ter estragado a cabaça. Se tivesse sido devorada, que terias feito então? És tu o pai da pequena? Foste tu que consertaste a cabaça com barbas de monstro, ou foi a tua mãe que fez o conserto?

(Esta maneira de falar é altamente injuriosa, embora de uma maneira indireta).

- Agora mando-te embora, porque trataste mal a minha filha.

A minina que ficô morano mais o pai

Diz que nos ngambue um home separô da muié e ês tinha ãa fia, que ficô morano mais o pai. Intão o home casô de novo cū'a otra muié. Um dia ele saiu, pricisô viajá pra longe. A muié ficô im casa mais a minina, mandô a minina buscá água. A minina foi buscá água na cabaça, dexô caí e quebrá a cabaça.

A muié falô: – Agora ocê tem de arrumá essa cabaça! Mais num pode sê cum paia de coquero, num pode sê cum paia de mio, nem num pode sê cum paia de taboa. Só pode arrumá essa cabaça é cum pelo de barba de quimbungo.

A minina falô: – Mais cumé qu'eu vô arrumá pelo de barba de quimbungo? Ond'é qu'eu vô achá um quimbungo?

A minina andô, andô, andô... Incontrô um quimbungo. Falô co'ele assim: – Ó, eu vô cantá uma musiquinha!

E cumeçô cantá:

aiuê, pr'arrumá essa cabaça, aiuê
num pode sê cum paia
só cum pelo de quimbungo
aiuê, pr'arrumá essa cabaça, aiuê

O quimbungo achô graça na cantiga e bateu palma, acompanhano o ritmo. E aí veio vino aquele tanto de quimbungo e bicho-home e cumeçaro a dançá e batê palma tamém. Quan'ó foi qu'ês virô `sim na dança, ela ó: rancô uns pelo da barba dum quimbungo e ó: correu, suverteu.

Depois mandô cunsertá a cabaça da muié e intregô ela, falô: – Aqui

sua cabaça. Agora eu vô imhora, morá mais mãe mãe.

E foi. Quan'ó o pai voltô, deu falta dela, perguntô: – Ô muié, cadê a minina?

A muié respondeu: – Sei lá.

O home falô: – Cumé que num sabe? Ela num ficô `qui co'cê?

A muié respondeu: – Eu num sei pra onde que ela foi.

O home foi procurá a minina, foi na casa da mãe dela, achô ela lá.

Falô: – Mais por que qu' ocê tá `qui, minina?

Ela contô que a muié tinha feito ela i atrás de pelo de barba de quimbungo e se num fosse à esperteza dela de cantá pros quimbungo eles tinha matado ela.

O home ficô bravo e foi pra casa e chamô a muié: – Ô muié, traz a cabaça que ocê deu pra minina buscá água!

A muié troxe a cabaça. Ele oiô a cabaça, perguntô: – Isso aqui, qu'arrumô a cabaça, isso é o quê?

A muié falô: – Isso é pelo de rabo de boi.

Ele falô: – E é pelo de rabo de boi nada, isso é pelo de barba de quimbungo! Ocê mandô a minina i atrás de pelo de barba de quimbungo pr'arrumá sua cabaça. E se os quimbungo tivesse matado a minina, que qu' ocê ia fazê? Num foi ocê que foi arrumá cabaça cum pelo de barba de quimbungo, num foi nem sua mãe...

Mandô ela imhora de casa, ficô morano mais a fia.

**Escritos
sobre quibungos**

Quibungo

Luís da Câmara Cascudo

É o papão negro, um Bumann africano que se domiciliou na Bahia, vivendo nas histórias populares. Só se alinha dentro das fileiras dos entes espantosos da nossa fauna imaginária, porque sua vida é diária nas citações contínuas. Não é, entretanto, como o Mapinguari, o Capelobo, o Pé-de-Garrafa, um mito, apenas uma figura, um personagem, um centro de interesse na literatura oral afro-baiana. O Quibungo surge sempre num conto romanceado, com episódio feliz ou trágico, mas indeterminado, inlocalizado, vago, nebuloso, infixo. É um Barba-Azul de meninos, Saturno preto, infecundo e bruto, devorador permanente de crianças, tema de espantos, expressão para disciplinar as insubmissões precoces ou as insônias persistentes. É uma variante do Tutu e da Cuca, da dinastia informe dos pavores noturnos.

Quando nós possuímos dos outros monstros os nomes dos caçadores que o encontram ou lhe viram rastros e sinais de presença, fixamos seu hábitat, o Quibungo se locomove nas narrativas infantis, arrastando sua fome teimosa através de cem anos compridos. É uma figura da literatura oral-afro-brasileira, com sua bestial voracidade, sua feiura, estupidez e inexistente finalidade moral. Em quase todos os contos em que aparece o Quibungo há versos para cantar. Esse detalhe denuncia sua articulação aos alôs, as histórias contadas, declamadas e cantadas que ainda hoje podemos ouvir na África equatorial e setentrional e na China, ao ar livre, para um auditório renovado das ruas e das praças. Em Alger ou Changai vivem ainda esses artistas, netos bastardos dos Mímicos da Roma Imperial. O Quibungo é um títere poderoso dessa literatura sem limites. Estende seu

reino por Angola e Congo, familiar nos alôs, fazendo proezas tão idiotas como indispensáveis aos recursos episódios das pequeninas histórias só percebidas pela retentiva infantil e clara dos negros.

No Congo e Angola, *Quibungo* significa lobo. Frei Bernardo Maria de Cannecatim,¹ registra quibungo, semelhante à pronúncia afro-baiana. Hemenegildo Capello e Roberto Ivens² dão o mesmo vocábulo n'bundo valendo lobo como sendo qui-n'bungo, dito pelos negros de Bié t'chim-bungo. Inicialmente, o Quibungo foi apenas o Lobo no ciclo de histórias e de aventuras, como o Anansi (aranha) da Costa do Ouro e da Costa do Marfim, a Awon (tartaruga) da Costa dos Escravos, chamada ajapa, a fada-calva, aja-fada, pa-calva, careca, o iabuti das porandubas tapis, o Renard da Europa medieval, o Macaco das nossas histórias mestiças. Depois, com sua divulgação e pela lei das convergências, o Quibungo assimilou episódios que pertenciam a outros animais semi-esquecidos em suas aventuras. Sua confusão antropomórfica parece bem esclarecida por Nina Rodrigues:³

Mas, para ter-se uma idéia exata da concepção popular da entidade Kibungo, é preciso ir mais longe e remontar à história dos povos Bantus.

Buscando penetrar no significado preciso do termo Quimbundo, escreve o Major Dias de Carvalho:

Sem nos importar agora a origem dos povos da região central do continente africano, o que me parece não oferecer já dúvida alguma é que daí vieram os povos por diferentes emigrações para a costa ocidental, e lá encontramos o vocábulo cabunda, mas com um significado que não é bem o bater de Canecattim, que me parece melhor tornar conhecido tal como me foi explicado. Suponha-se que um grupo de homens armados, que vêm de longe sem ser esperados a uma terra estranha; os povos desta, atemorizados por uma gente que lhes é inteiramente desconhecida, fogem-lhes, ou humilhados e surpreendidos sujeitam-se às suas imposições. Aqueles, esfomeados a primeira coisa de que tratam, é de correr imediatamente às lavras e devastar tudo para comerem, e em seguida vão-se apossando do que encontram, incluindo mulheres e crianças. Se lhes convém a terra, estabelecem nela a sua residência permanente: senão, seguem o seu caminho.

¹ CANNECATIM. *Dicionário da Língua Bunda ou Angolense*.

² CAPELLO; IVENS. *De Banguela às terras de Iaca*.

³ RODRIGUES. *Os Africanos no Brasil*, p.304-305.

A ação que esse grupo praticou chamam cumbundo, e a cada indivíduo que faz parte do grupo, quimbundo, o que eu creio ter interpretado bem por “invadir, invasor”.

Da idéia e dos sentimentos de terror e desprezo, inspirados pelo quimbundo, invasor, devastando de surpresa os campos e roubando crianças e mulheres, associados à idéia e ao terror inspirados pelo lobo, chibungo nasceu evidentemente na imaginação popular a concepção dessa identidade estranha- o kibungo, que os Bantus transmitiam às nossas populações do Norte e nelas persiste agora, mesmo após o desaparecimento dos povos em que teve origem.

Assim o Quibungo baiano é simultaneamente homem e animal, com formas definitivas ou indistintas, espécie de lobo ou velho negro maltrapilho, faminto, sujo e esfarrapado, supremo temor para todas as crianças do mundo.

Não me é possível esclarecer se nas histórias africanas o Quibungo conserva forma e hábitos do seu símile baiano. Também não estou inclinado a admitir que o Quibungo africano, mesmo antropomórfico, tenha o ciclo temático idêntico ao brasileiro. Aqui ele se tornou um centro de atração derredor do qual ficaram gravitando os episódios dados ao Tutu-Marambá, ao Bicho-preto, ao Macaco-saruê, ao Bicho-cumunjarim, ao Dom Maracujá, ao próprio Zumbi que muitas vezes é sinônimo do Saci-Pererê. Da África teria vindo à forma da boca, a boca em sentido vertical, do nariz ao umbigo ou no dorso.⁴ O Mapinguari já se orgulha dessa anomalia teratológica. Deve haver, entre todos os monstros, uma estreita interdependência, um livre trânsito para que cada um ceda ao outro atributos e manias, reconhecendo domínio em determinadas regiões. Na Bahia, evidentemente, o Quibungo reina e governa e para eles descem todos os assombros.

A influência africana é determinante, mas curiosamente, não serviu de veículo para outros estados do Brasil. Negros escravos bantus se espalharam por toda parte. Em Pernambuco ficaram muitos. O Quibungo não os acompanhou. Nem mesmo Sergipe, como notou o erudito professor Basílio de Magalhães, que é “fruta baiana”, recebeu visita do animalejo. O Quibungo ficou baiano. E continua baiano... Se o Quibungo fosse inteiramente uma criação africana andaria como uma sombra junto aos seus negros, fiel ao espírito da raça que o fizera nascer. As condições mesológicas

⁴ Os Blêmios, da literatura clássica, têm a boca no peito. Walter Reilagh afirma tê-los encontrado em Caorá. Martius registra-os.

e sociais da Bahia não diferem tanto de outras que abrigaram grande massa escrava. Mas o Quibungo não se deslocou. Não aparece nas histórias do norte nem do nordeste. Mais distante que Bahia está Amazonas, e os mitos, mesmo os mais recentes, diluem-se nas histórias de Trancoso. Parece que o Quibungo, figura de tradições africanas, elemento dos contos negros, teve entre nós outros atributos e aprendeu novas atividades. Todas as peças foram importadas da África, mas o artífice é negro brasileiro, sabedor de Sacis, Caapora e Lobisomens.

Pondo à banda as acepções populares degeneradas, evidentemente de sentido translato, tenho para mim que o "Kibungo" é o capelobo africano, ou melhor, um Lobisomens afro-brasílico, até que se lhe descubra genuíno tronco africano. Considero-o, portanto, formado pelos negros do Brasil.⁵

Mas há um aspecto, segundo informação de Sr. João da Silva Campos, que modifica, para radicar o Quibungo à classe do Lobisomem sem deste ter a universalidade. É o velho negro transformar-se em Quibungo. Pelo que tenho lido, quem se torna Quibungo o será definitivamente enquanto o caráter mais geral do Lobisomem é a sua temporaneidade. O Homem-lobo de Heródoto, Plínio e Varrão⁶ era durante meses ou anos. Ninguém concebe "courir la galipote" senão durante algumas horas numa noite semanal. Se o Quibungo é o negro-escravo que já não pode trabalhar nem sustentar-se, como, em parte é a explicação primária do Capelobo, perde um elemento de sua individualização para constituir-se um elo na cadeia sem fim dos Versipélios.

Cuido que a grande boca do Quibungo, apesar de supô-la africana, é uma assimilação local do "Homem do surrão que pega menino". O Homem do Surrão faz parte das histórias portuguesas e está em quase toda a Europa. É um homem velho, esfarrapado, sujo, muito feio, que procura agarrar as crianças vadias ou descuidadas e metê-las num grande saco de couro, de abertura larga, pronta para esse fim. Não se sabe como morrem as crianças. Se o Homem as come ou mata-as pelo prazer de matá-las.

⁵ MAGALHÃES. *O folclore no Brasil*, p. 107.

⁶ É o que se lê nas citações de Varrão feitas por Santo Agostinho na *Cidade de Deus*, livro XVIII, capítulo XVII. Sobre os Arcádios que passavam um lago e se tornavam lobos. Um certo Demeneto que comeu carne de uma criança sacrificada ao deus Licaeus, foi também mudado em lobo *et anno décimo in figuram propriam restitum*.

Cada criança que o Homem segura é sacudida no surrão que se fecha. Para este movimento é preciso que o Homem baixe a cabeça. O surrão abre-se. Presa a criança, fechado o saco, o Homem ergue a cabeça. São as atitudes do Quibungo com sua imensa bocarra. Pela descrição, a boca do Quibungo é um saco.

No mais, é um mito local, trabalho convergente afro-brasileiro, uma silhueta disforme e negra que perpassa, não nas florestas como o Mapinguari, mas nas histórias como a galinha dos ovos de ouro.

Da exata pronúncia do vocábulo, o doutor Sr. Arthur Ramos registra que na Bahia diz-se quibungo (Nina Rodrigues e Basílio de Magalhães escreveram Kibungo) e chibungo, na gíria popular significando homossexual⁷ Chibungo será talvez inconsciente reminiscência prosódica dos negros do Bié que dizem t'chim-bungo, e as duas formas nada mais digam senão, modismos regionais africanos que emigraram.

Outro elemento, e digno de realce para documentar que o Quibungo antropomórfico é de relativa modernidade, está em sua vulnerabilidade. Podem matá-lo a tiro, faca e pau. Morre gritando, espavorido, acovardado, como o mais inocente dos monstros que a imaginação infantil dos povos haja criado.

Documentário:

Kibungo é um bicho homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e também um grande buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. Come os meninos abaixando a cabeça, abrindo o buraco e jogando dentro as crianças.⁸

Negro africano, quando fica muito velho, vira Quibungo. É um macacão todo peludo, que come crianças. (Recôncavo da Bahia).

Esse termo africano, muito espalhado na Bahia, qualifica um monstro devorador de gente. Através do tempo e do espaço, tem adquirido vários aspectos: demônio, feiticeiro, animal selvagem, maltrapilho, lobisomem, macacão, preto velho. No fundo, continua sempre a ser um ente estranho e canibal que prefere a carne tenra das crianças.⁹

⁷ RODRIGUES. *Os Africanos no Brasil*, p. 301.

⁸ CAMPOS. *Contos e fábulas populares da Bahia*.

⁹ BORGES. *As Colunas do Templo*.

Referências:

CAMPOS, João da Silva. *Contos e fábulas populares da Bahia*. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O folclore no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1928.

CANNECATIM, Bernardo Maria de. *Dicionário da Língua Bunda ou Angolense*. Lisboa: Imprensa Régia, 1804.

CAPELLO; IVENS, Hermenegildo; Roberto. *De Banguela às terras de Iaca*. Lisboa: Publicações Europa- América, 1881.

MAGALHÃES. *O folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932

A terrível parábola: as versões de um poema de João Guimarães Rosa

Luiz Cláudio Vieira de Oliveira

Num texto publicado na Revista Caligrama, cujo título é “Magma, as origens de Guimarães Rosa”,¹ pude identificar, no livro de poemas de Rosa, premiado em 1936, mas de publicação póstuma, certos fragmentos que seriam usados posteriormente pelo escritor, ao longo de sua obra. As coincidências são muitas. Talvez isso explique o esquecimento de Magma, por Guimarães Rosa, e sua edição somente após a morte do autor, em 1997. De fato, é incompreensível que ele não se empenhasse em publicá-lo, apesar de seu prestígio e da facilidade que teria para fazê-lo.

O objeto de estudo, extraído de Magma, é o poema “A terrível parábola”, relato da estória de uma menina, Zabelinha, de sua cachorrinha e de um bicho denominado Kibungo-Gerê. Este poema apresenta um aspecto bastante importante na obra de Guimarães Rosa, que é a coocorrência da tradição oral e da tradição escrita. Guimarães Rosa, dentro da Literatura Brasileira, insere-se num processo dinâmico que vai do oral ao escrito e, novamente, ao oral, comum a vários escritores. Existe, em nossa configuração cultural, uma parcela da população que é essencialmente letrada, sem nenhum contato com a cultura oral popular, urbana ou rural. Do mesmo modo, há outra camada que é tão somente oral, apartada da cultura letrada que se cultiva e se desenvolve nas escolas. Guimarães Rosa se coloca num terceiro ponto, que representa o entrecruzamento dialético dessas duas culturas, mutuamente enriquecedoras. Objetiva-se fazer uma análise comparativa entre o poema de Rosa e outras versões conhecidas, indicando

¹ OLIVEIRA. As origens de Magma, p. 115-126.

o entrecruzamento de várias versões da mesma estória. Inicialmente, examinaremos o poema, que chamaremos de Versão A:

A Mãe-Preta contava:/ uma meninazinha/ morava num sobrado/
com uma cachorrinha./ E no meio da noite bateram na porta/ e
cantou lá fora/ o Kibungo-Gerê.//

– “Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Cadê Zabelinha, que eu
quero comê!...”//

Mas a cachorrinha, acordada,/ cantou para o bicho/ Kibungo-Gerê:/
– “Zabelinha já lavou,/ já deitou,/ já dormiu!...”//

E pela noite afora/ foi andando embora/ o Kibungo-Gerê.//

A menina, com raiva,/ matou a cachorrinha./ Mas na outra noite,/
quando o bicho voltou,/ a cachorrinha morta cantou no quintal...//

A menina, de raiva, enterrou a cachorrinha,/ a menina, de raiva,
queimou a cachorrinha, a menina, de raiva, jogou no rio a cinza/ da
brava cachorrinha,/ que cantava acordada,/ que cantava morta,/
que cantava enterrada,/ que cantava nas cinzas,/ e que parou de
cantar...//

E a menina acendeu todas as luzes do sobrado,// para esperar o
bicho/ Kibungo-Gerê.//

E o bicho voltou,/ Kibungo-Gerê!.../ e o bicho cantou,/ Kibungo-
Gerê!.../ e foi abrindo a porta/ Kibungo-Gerê!.../ e foi subindo
a escada,/ Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Kibungo-Gerê!...

O primeiro verso do poema, “A Mãe-Preta contava” configura um *modus operandi* de Guimarães Rosa, presente em vários textos: um narrador, responsável pela enunciação e dá credibilidade e verossimilhança, ou seja, e dá veridicção. O enunciador – Guimarães Rosa – dá à mãe-negra a função de narrador de uma estória, encarregando-a de dizê-la para um narratário – possivelmente uma ou várias crianças – contando-lhes uma estória “de medo”. O processo de enunciação se faz por camadas que, ao produzirem o enunciado, se tornam implícitas, num processo de mascaramento. O processo foi descrito por Umberto Eco, e retomado, mais recentemente, pela teoria semiótica do discurso, como se vê em José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, entre outros, e também pela análise do discurso francesa, desenvolvida por Patrick Charaudeau.

Cabia à Mãe-preta, figura tradicional para muitas famílias brasileiras, o aleitamento dos filhos dos patrões brancos, a criação dessas crianças e, em decorrência desse contacto e de sua importância, misto de mãe e

preceptora, a criação de um imaginário. Sua função, no poema, é a de concretizar um gênero, semelhante ao que a fórmula “Era uma vez...” desempenha. Sinaliza para o leitor que a estória não é História, mas uma narrativa em que tudo é possível e a mistura entre oralidade e escrita. Diz Câmara Cascudo: “No Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças, aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor [...]”.²

Jorge de Lima, em vários de seus poemas, mostrou essa importância da mulher negra na formação do imaginário das crianças brasileiras, através da contação de estórias. Em “Essa negra Fulô”, registra-se: “Ó Fulô? Ó Fulô?/ Vai botar para dormir/ esses meninos, Fulô!/ ‘Minha mãe me penteou/ minha madrasta me enterrou/ pelos figos da figueira/ que o Sabiá beliscou.”³ Também o poema “Ancila negra”, um lindo canto de saudade e remorso, demonstra a presença da mulher negra na educação do menino branco: “Há ainda muita coisa a recalcar,/ Celidônia, ó linda moleca ioruba/ que embalou minha rede, me acompanhou para a escola, me contou histórias de bichos/ quando eu era pequeno,/ muito pequeno mesmo.”⁴ Uma pesquisa mais funda na literatura brasileira irá identificar, na obra de vários autores, a referência à Mãe-preta, em tudo semelhante à Irene, de Manuel Bandeira: “Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor.”⁵

A figura da Mãe-Preta, evocada no poema, situa-se no ambiente sociocultural que nos liga, por um lado, à escravidão e à exploração da mulher no Brasil escravocrata e, por outro, a formas alternativas de cultura, por intermédio de uma tradição oral. No poema de Jorge de Lima, por exemplo, a negra Fulô conta uma estória que pertence à cultura portuguesa, oral e escrita, como o comprovam os figos. Mas o Sabiá (com maiúscula no original), é brasileiro. Na versão portuguesa, a criança enterrada por ordem da madrasta espanta os passarinhos. Trata-se, segundo Câmara Cascudo, de um tipo de conto que se classifica como de “natureza denunciante”. Neste caso: é o capim, em que se metamorfoseou o cabelo da menina, que canta e denuncia: “Capineiro de meu pai,/ Não me cortes os

² CASCUDO. *Literatura oral no Brasil*, p. 153.

³ LIMA. *Poemas negros*, p. 10.

⁴ LIMA. *Poemas negros*, p. 90.

⁵ BANDEIRA. *Manuel Bandeira: poesia completa e prosa*, p. 220.

cabelos;/ Minha mãe me penteava,/ Minha madrasta me enterrou/ Pelo figo da figueira/ Que o passarinho picou...⁶ Destaque-se o sincretismo, da cultura oral e popular, presente no fato de a ama negra veicular um texto de origem portuguesa em vez de um conto de origem africana.

É a essa personagem, a ama, que Guimarães Rosa concede a enunciação do poema: "A Mãe-Preta contava:". A figura do contador de estórias é comum na obra rosiana que, em vários textos se aproxima da forma de contar existente nos contos de fada. Um exemplo claro é o conto "Conversa de bois", de *Sagarana*, do tempo em que os bichos falavam. O velho Camilo e Joana Xaviel, de "Uma estória de amor", Fraquilim Meimeio, de "Dão-la-lão" são outros exemplos de contadores de estórias, além de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*. O tempo verbal do poema, "contava", retomando um tipo de intróito comum às estórias orais, vem no pretérito, contando que Zabelinha e sua cachorrinha moravam num sobrado. Supõe-se que sozinhas. No meio da noite, sem que se saiba de onde nem porque, surge o Kibungo-Gerê, que canta: "- `Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!... Cadê Zabelinha, que eu quero comê!...'"

A estória, portanto, é elíptica: uma meninazinha, tal como a caracteriza o poema, vive só, com uma cachorrinha. O bicho, como é chamado no poema, é o Kibungo-Gerê, que sabe o nome da menina, sem que se saiba de onde vem esse conhecimento. Zabelinha é uma redução de Izabelinha, diminutivo que ressalta a juventude da menina. O nome é bem ao gosto de Guimarães Rosa, cuja alquimia com os nomes próprios é conhecida. Basta lembrar aqui o Moimeichêgo, o Grivo, o Nominatedômine, os cegos Retrupé e sêo Tomé. Além, é claro, do nome de Diadorim.

Ecoando o sincretismo da Mãe-Preta que conta estórias de origem portuguesa, no poema de Guimarães Rosa ela conta uma estória de um bicho que é o Kibungo-Gerê. Segundo Câmara Cascudo, o Quibungo é uma entidade malévola, de origem africana, de Angola e do Congo, tendo vindo ao Brasil através dos bantos, ficando restrito à Bahia, não aparecendo nas estórias infantis dos outros Estados. É um tipo de bicho-papão africano, que se caracteriza pela devoração de crianças.⁷ Apesar da afirmação de Câmara Cascudo, a estória tem ampla difusão em Minas Gerais, possivelmente

⁶ CASCUDO. *Literatura oral no Brasil*, p. 324-326.

⁷ CASCUDO. *Dicionário do folclore brasileiro*, p. 652-653.

ecoando a cultura negra que a trouxe da Bahia para as terras mineiras. O volume *De quibungos e meninos* é uma coletânea de narrativas, de várias procedências, incluindo-se aí a obra de Câmara Cascudo, em que o quibungo é o protagonista

Figura singular, no poema, é a cachorrinha. Além de falar, para defender sua dona, encarnando aí um ideal de fidelidade, acaba sendo sacrificada pela curiosidade desta. Há um crescendo na crueldade da sua dona, Zabelinha, aumentando ainda mais as elipses da estória: a cachorrinha é morta, enterrada, queimada e suas cinzas são espalhadas no rio. Se moravam juntas, por que o sacrifício? E, tendo havido, por que a cachorrinha ainda defende sua dona? Só quando não há resíduo algum do animal é que ele deixa de cantar e de proteger. Só quando não há mais possibilidade de retorno, uma vez que o rio leva as cinzas para longe, é que a cachorrinha perde sua eficácia protetora. Só depois do seu desaparecimento é que o bicho, esperado e desejado por Zabelinha, consegue entrar na casa, cantando seu nome três vezes: "Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Kibungo-Gerê!..." Há um suspense no final da estória: o que aconteceu a Zabelinha? Se o Quibungo é um bicho-papão e se Zabelinha é uma meninazinha, supõe-se que o final não seja dos melhores para ela. Esta é mais uma das elipses do poema: o destino de Zabelinha.

O poema de Rosa é apenas uma das várias versões da estória. Na obra de Guimarães Rosa há sempre versões. Não há uma verdade anterior ao texto: o que importa é a versão que se dá do acontecimento, tomado como um referente, real ou não. Será interessante registrar outras versões desta estória da cachorrinha, como é conhecida. Além dos prefácios de *Tutaméia*, em que teoriza sobre as relações entre original e cópia, entre História e estória, Rosa ficcionaliza o tema em vários de seus textos, como em "Desenrêdo", "Droenha", "Os três homens e o boi", além de tê-lo feito em *Grande sertão: veredas*: "O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não."⁸

Uma versão, que chamaremos de Versão B, foi recolhida na área urbana de Belo Horizonte, narrada por um garoto em fase de alfabetização, de uma escola pública, pela Professora Graça Costa Val, com objetivos de verificar os procedimentos de elaboração e reelaboração

⁸ ROSA. *Magma*, p. 142.

narrativa, assim como o domínio do narrador sobre os efeitos de sua narrativa.⁹ A versão é a seguinte:

A Marieta tava lavando as roupa... as vasilha e quando ficou de noite ela foi dormir. O lobo foi chamar ela. A cachorra falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi, ela lavou tudo de novo, ela tava lavando as vasilha... as roupa, quando ficou de noite, ela foi e dormiu. O Lobo foi chamar ela. Aí, a cachorra falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi, o lobo matou ela. Foi Marieta tava lavando as roupa... as vasilha, e quando ficou de noite, o Lobo foi chamar ela. Foi, a cachorra morta falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Depois, queimou ela. Aí, a Marieta tava lavando as roupa e as vasilha. Foi, a cachorra queimada foi e falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi e varreu ela, o pozinho dela, sobrou um pouquinho do resto dela. Foi, Marieta tava lavando as roupas e as "vasia", quando ficou de noite. O Lobo foi e chamou ela. Aí, o pozinho da cachorra foi e falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Mariêêêta... tô na porta da sua casa, tô chegando na sala... tô na porta do seu quarto, tô perto da sua cama... Foi e deu um sustão nos outro.¹⁰

Outra variante, que denominaremos de Versão C, é apresentada, de forma resumida, no livro *Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil*, tendo sido recolhida na região de Diamantina, entrada para o Vale do Jequitinhonha. Diz a autora:

Outra história que, em comum com um conto de Grimm tem apenas o final, é 'A moça e a Cachorrinha', cujo desfecho se assemelha ao do conhecidíssimo 'Chapeuzinho Vermelho'. A trama é simples: a moça vai morar sozinha e ganha o animal por companhia. Mas a cachorrinha era encantada e, sempre que uma voz misteriosa, precedida de uma batida na porta, à noite, pergunta por sua dona, o animal responde: '- Isabelzinha já lavou, já deitou, já rezou. Isabelzinha não vai lá fora mais'. Pensando tratar-se de algum pretendente, a moça fica indignada. Mata a cachorrinha, queima-a, joga as cinzas num rio e só assim fica livre de sua vigilância, pois, mesmo morto, o animal responde em seu lugar. Finalmente, a moça consegue abrir a porta e depara com um bicho 'horrrível de feio', com olhos de fogo, que lhe anuncia: '- Isabel, vou casar com você'.

⁹ VAL. Da fala à escrita: uma criança e suas histórias, p. 53-62.

¹⁰ Mantém-se a forma como a versão da criança foi registrada pela Profa. Graça Costa Val, com exceção dos grifos.

Sem demonstrar surpresa ou medo, a moça simplesmente pergunta-lhe o nome. Ele pede que olhe para seus olhos e, como que hipnotizada, a heroína trava com o monstro o batido diálogo: ‘– Pra que estes olhos de fogo? – Pra te enxergar. – Pra que estas unhas tão grandes? – Pra te agarrar. – Pra que esta boca tão grande? Ao que ele, atenuando um pouco o conhecido final, responde: ‘– Pra te dar um sopro. E deu um sopro nela e ela desapareceu.¹¹

É interessante observar que nas versões de Guimarães Rosa e na do menino aparecem Kibungo-Gerê e o lobo. Yeda Pessoa de Castro nos esclarece que o Quibungo e o lobo são uma coisa só. Em suas palavras:

A figura central desse ciclo de contos é a do Quibungo, uma espécie de cão selvagem, de lobo fantástico, que tem um enorme buraco nas costas por onde costuma comer crianças mal-ouvidas ou crianças que encontra acordadas durante as suas incursões noturnas pelo Recôncavo da Bahia, o equivalente ao bicho-papão, ao tutu-marambaia dos acalantos infantis do Brasil.¹²

O bicho é também conhecido como Titi-Marué e como Bicho Cumujarim ou sua variante, o Bicho Pondé. Sob essas denominações, entende-se um “enorme bicho, uma espécie de macaco preto, peludo[...]”. Cumujarim significa também “[...]o bicho papão, o comilão de crianças, o ser fantástico saído das profundezas da terra para comer crianças.” É possível, ainda que os dicionários Aurélio e Houaiss não o registrem, que xibungo, com o significado de homossexual masculino passivo, seja uma variante de quibungo, como nos assevera Castro,¹³ comum na linguagem popular da Bahia, e resultante de um empréstimo. O significado “comer crianças”, provavelmente seja o contrário de “ser comido”, caracterizando a homossexualidade do quibungo ou xibungo.

Outra variante da estória (Versão D) foi recolhida no município de Três Marias, próximo de Cordisburgo, transcrita por Milce Vieira, conforme narração ouvida de sua mãe. É a seguinte:

Era uma vez uma moça muito bonita, que após a morte de seus pais, vivia só em companhia de uma cachorrinha, à beira de um rio. Como não tinha com quem conversar, ia dormir logo que anoitecia. Certa noite, um pouco antes das doze horas, ouviu-se uma batida na porta e uma voz que dizia: ‘ – Zabelê, abre a porta que

¹¹ SOUZA. *Contos de fada*: Grimm e a literatura oral no Brasil, p. 83.

¹² CASTRO. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos, p. 19-20.

¹³ CASTRO. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos, p. 20.

eu quero entrar...’ e a cachorrinha, mais que depressa respondeu: ‘ – Zabelê já lavou, já deitou, já dormiiiiiu...’

Zabelê, quando conseguiu abrir a porta, já não tinha ninguém. Ela ficou muito zangada com a cachorrinha, e pensou que fosse um moço bonito que queria casar-se com ela. Na noite seguinte, amarrou a cachorrinha bem longe da casa e foi dormir. Na mesma hora da noite anterior, bateu-se na porta e [alguém] disse: ‘ – Zabelê, abre a porta que eu quero entrar.’ Lá de longe veio a voz da cachorrinha: ‘ – Zabelê já lavou, já deitou, já dormiiiiiu’. De novo, quando Zabelê abriu a porta, já não havia ninguém. Zabelê, mais zangada ainda, matou a cachorrinha e a deixou no terreiro. À noite, de novo as batidas na porta e a voz: ‘ – Zabelê, abre a porta que eu quero entrar...’ A cachorrinha morta respondeu: ‘ – Zabelê já lavou, já deitou, já dormiiiiiu.’

Zabelê, intrigada, fez uma fogueira em cima da cachorrinha, e no terreiro só ficou um monte de cinzas. À noite, na mesma hora, toque-toque-toque: ‘ – Zabelê, abre a porta que eu quero entrar.’ E aquele monte de cinzas respondeu: ‘ – Zabelê já lavou, já deitou, já dormiiiiiu.’

Zabelê já não suportava o que ela achava seria perseguição da cachorrinha: juntou todas aquelas cinzas e jogou no rio e ficou olhando até que desaparecessem, e foi para casa se preparar para encontrar com quem ela julgava ser o seu noivo. À noite não tinha mais nem cinzas da cachorrinha para protegê-la e ela abriu a porta e foi devorada por aquele monstro.

Outra versão da estória (Versão E) é nossa conhecida, desde a infância, no Sul de Minas. Esta estória diz o seguinte:

Zabelinha e sua cachorrinha estavam passeando no mato quando encontraram uns ovos. Zabelinha os levou para casa e fez deles uma bela omelete. À noite, o bicho, dono dos ovos, foi à sua casa e cantou: ‘ – Zabelinha, Zabelinha, cadê meus ovos?’ E a cachorrinha cantou em resposta: ‘ – Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu.’ E o bicho ia embora.

Na noite seguinte, a mesma coisa: ‘ – Zabelinha, Zabelinha, cadê meus ovos?’ E a cachorrinha respondia: ‘ – Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu.’ E o bicho ia embora. Teve uma noite em que Zabelinha ouviu o bicho e ficou achando que era um príncipe encantado que tinha vindo para se casar com ela. Por isso, proibiu a cachorrinha de falar alguma coisa. Mas na noite seguinte, deu-se o mesmo: ‘ – Zabelinha, Zabelinha, cadê meus ovos?’ E a cachorrinha respondia: ‘ – Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu.’ E o bicho ia embora. Uma noite Zabelinha ouviu o canto do lado de fora e pensou que fosse um príncipe encantado, que não entrava porque a cachorrinha

não deixava. Zabelinha então matou a cachorrinha que, apesar disso, continuou a responder: : ' - Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu.' Zabelinha queimou a cachorrinha que, ainda assim, respondeu a mesma coisa. Por fim, Zabelinha jogou as cinzas da cachorrinha no rio. Nessa noite, quando o bicho chegou, Zabelinha abriu a porta e... nhoque: o bicho a comeu de uma vez só.

Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, nos informa que "Em quase todos os contos em que aparece o quibungo, há versos para cantar".¹⁴ Na Versão E, realmente, tanto a fala do bicho quanto a da cachorrinha são cantados. Quanto às outras versões, apenas na Versão A a cachorrinha canta: nas demais, ela "fala" ou "responde".

A Versão F contém, na verdade, duas narrativas: uma delas é uma variante das demais versões apresentadas; a outra é um amálgama de várias estórias da tradição europeia, oral ou escrita, que nos chegaram por via oral.

A história da Maria¹⁵

Era uma vez um casal, um rei e uma rainha. Eles tinha uma filha muito bonita, muito delicada, assim, ela era muito educada mesmo. Toda noite ela rezava. A mãe era muito boa, e toda noite ela sentava na cama da Maria pr' insiná a rezá. A Maria rezava pro anjinho da guarda dela... intão foi levado essa vida assim. Intão um dia, a mãe dela adoeceu e morreu. Ela ficô só com o pai, né? Intão, o pai ficô muito triste: 'Ah... O que que eu vô fazê?... Só com Maria... Vô... vô casá, né?' E resolveu casá. Agradô com uma mulher muito bonita, mas no fundo, no fundo, essa mulher não era bonita, assim... ela era má, ela era uma bruxa disfarçada de mulher bonita. Naquele tempo existia bruxa. Intão, ele achô que tivesse casado co' uma mulher boa, digna de cuidá da Maria, mas acontece que no fundo ele casô co' uma bruxa.

Intão, começaram, né?, a vivê. Mas a Maria todo dia rezava pelo anjinho da guarda, e lembrava da mãe dela, chorava, chorava... mas não isquicia de rezá. E ela começô a sê maltratada pela madrasta dela. Intão, maltratava, dexava a Maria descalça, dexava a Maria passá fome, num dava banho na Maria... investigava a Maria, batia nela demais, mandava a Maria durmi com as galinhas... e a Maria durmiu, de boazinha. Intão, ela tinha uma filha. Ela tinha uma filha, não, essa filha era bem tratada, era bonita,

¹⁴ CASCUDO. *Dicionário do folclore brasileiro*, p. 653.

¹⁵ Versão gentilmente cedida pela Professora Doutora Sônia Queiroz, da Faculdade de Letras da UFMG, com a seguinte observação: Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Maria Terezinha Orsini Almeida, em Turmalina, 1995, gravada por Rômulo Monte Alto.

mas era feia, horrorosa, parecia a mãe. Maria era linda, bonita, parecia uma princesa mesmo. Intão ela tinha muita inveja, porque a Maria, bonita, e a filha dela era feia, né? Ela começou a... assim... astuciá uma manera de ficá livre da Maria. Intão um dia ela pegô a Maria, chamô os criados lá da casa, né?, e mandô levá a Maria lá pra floresta, pros da floresta, pros bicho devorare a Maria, os animais da floresta devorare a Maria.

Intão, a Maria foi, muito triste, dispidiu do pai dela, e ela pegô — a Maria tinha uma cachorrinha muito bonitinha, né?, a cachorrinha, uma gracinha, a cachorrinha gostava muito dela também — intão ela pegô a cachorrinha e levô co’ ela, e foi pra floresta. Lá no fundo da floresta tinha uma casinha velha, aí ela entrô naquela casinha co’ a cachorrinha e começou a morá ali. Sozinha, coitadinha, mas ela não isquicia de rezá. Intão, um dia ela iscutô batê na porta assim, ó, bateno assim, sete vezes em madeira: tó tó tó tó tó tó!

— Maria!

— Quem é?

— Maria, abre a porta, Maria, que eu quero te cumê!

Aí a cachorrinha — naquele tempo os animais conversavam —, intão a cachorrinha falava assim, cantava assim:

— Mariá não está aqui, foi à fonte se lavá... Isperá, que ela vem já...

Aí o bicho ficava com medo da cachorrinha, e aí ela latia tamém: uau uau uau uau uau!, e o bicho corria, né? Isso foi muitas noites, a, muitas noites. Intão, um dia a cachorrinha morreu. Adoeceu e morreu. A Maria ficô sozinha. A Maria falava assim: ‘Meu Deus, o que que eu vô fazê?...’ Quando chegava a hora do bicho batê na porta, a Maria começava a tremê de medo, né?, e rezava, rezava pro anjin’ da guarda dela. Intão, um dia, o bicho abriu a porta, chamô, a cachorrinha não respondeu, o bicho, ele pensô assim: ‘Ah, num tem cachorrinha não. Eu vô entrá aqui, né?’ Aí ele arrombô a porta e entrô. Entrô... entrô como se fosse aquele bichão forte, né?, caminhando, caminhando, e a Maria tá ali chorando, cum medo:

— Meu Deus, meu Deus... que medo... Ah, minha mãe!... Me olha, minha mãe!

Intão, chegô aquele bichão enorme e deitô na cama da Maria. Deitô na cama da Maria e ficô lá deitado. Aí a Maria quiria vê quem era, né? Ela tinha uma vela na mão, ela riscô o fósforo, né?, e acendeu a vela. E caiu um pingô de vela no bicho. Quando caiu um pingô de vela no bicho, o bicho disincantô: era um príncipe, né? Era um príncipe incantado. Ai abraçô co’ a Maria, beijô...:

— Uh!, minha amada... — e tal... Começô a gostá da Maria e casô co’ a Maria. E ele era muito rico, muito poderoso... A Maria ficô rica, tinha muita coisa bonita, né?

Intão, a madrasta dela teve notícia, teve essa notícia na casa dela. Aí ela falô assim:

— Ah... Num acridito!, eu vô lá pra vê mesmo.

Chegô lá:

— Ah! Maria, mas comé que cê conseguiu?

E a Maria, muito tola, coitadinha, sem malícia, contô pra ela. Intão ela falô assim:

— Ah... Eu vô trazê a minha Maria pra cá também, pra `contecê a mesma coisa com ela.

Intão, ela pegô, deu a Maria uma cachorra, uma cachorrinha. Mas a Maria era má demais: ela batia na cachorra, ela maltratava a cachorra, e começô a morá nessa casinha, né? E a mãe tá lá isperano, né?, notícia dela tê ficado rica como a outra Maria. Intão, quando foi a noite, veio o bicho, né?:

— Maria, abre a porta que eu quero te cumê!

A cachorrinha falava, né?:

— Mariá não está aqui, foi à fonte se lavá, esperá que ela vem já.

Aí a Maria falava assim:

— Ô cachorrinha travada! Pra que cê tá gritano, cachorra. Eu tô quereno que o bicho entra na minha casa, pra que cê tá gritano?

— batia na cachorrinha, batia, e a cachorrinha ficava triste, né?, mas a cachorrinha gostava dela, mesmo assim.

Foi assim, foi assim, um dia ela matô a cachorra pra cachorra num respondê mais nada. Intão, veio o bichô, né? O bicho chegô e bateu na porta. Nada não respondeu. Aí o bicho arrombô a porta e intrô na casa, né? Intrô aquele bicho, aquele gigante feio, enorme, braço cabeludo, aquela cabelera feia, aquele monstro... Aí, chegô na bera da cama, e Maria falô assim: 'Ah... Ele vai disincantá agora. É meu príncipe incantado.' Aí ela chegô e falô assim:

— Pra que essa cabelera?

Aí o bicho falô assim:

— Pra te `baná! (risos)

— Pra que esse dentão?

— Pra te mordê!

— Pra que esse olho?

— Pra te olhá...!

— Pra que essa bocona?

— Pra te cumê!...

— Pra que essa unhona?

- Pra te agarrá!...
- Pra que esse braço?
- Pra te abraçá!...

Aí ela falô assim:

— Ô bicho, intão me abraça. Me abraça apertado — achando que fosse o príncipe encantado, né?

Aí o bicho foi, abraçô a Maria, abraçô, pertô, `pertô... até... a Maria morreu... Morreu, coitadinha. A Maria morreu, coitadinha, ficô lá, né?, a cachorrinha morta, a Maria morta...

Aí a mãe da Maria reuniu a banda de música, né?, todo mundo, né?, os príncipes e as princesas... Todo mundo foi lá, pra encontrá co' a Maria, né?, achano que fosse encontrá riquezas, como encontrô a outra Maria. Chegô lá, que que ês encontraro lá? A Maria morta, a cachorrinha mortinha... Aí, a madrasta da Maria voltô pra casa humilhada... e sabe o que que ela fez? Ela se matô. Pronto.

É o bem... Que que eles encontraro aí? O bem, quem faz bem, recebe o bem; e quem faz mal recebe o: mal!!! (crianças em coro) Pois é. A partir da situação inicial (Rei e Rainha têm uma filha linda, mas a rainha morre) percebe-se a semelhança com narrativas de contos de fada tradicionais: o Rei se casa, a madrasta persegue a enteada e privilegia sua própria filha (Gata Borralheira, Branca de Neve); a madrasta é uma bruxa e manda que os criados abandonem a princesa na floresta (João e Maria, Branca de Neve); a princesa, acompanhada apenas de sua cachorrinha, vai morar num casebre abandonado; após o final feliz, em que a princesa se casa com um belo príncipe (A bela e a fera, Branca de Neve, Gata Borralheira), a bruxa tenta conquistar o mesmo para sua filha, que vai morar num casebre com uma cachorrinha. Como é má, mata a cachorrinha para que o monstro entre e se transforme num príncipe. Mas o monstro não é príncipe e não se transforma, acabando por matar a filha da madrasta. A narrativa duplica os personagens: há duas mães, há duas Marias, há dois monstros. Por fim, a moral da estória não deixa dúvidas quanto ao seu caráter moralista: "Quem pratica o bem, recebe o bem como paga; quem pratica o mal, também recebe-o como paga". A recompensa vem de acordo com o merecimento. O diálogo travado entre a personagem e o monstro assemelha-se ao registrado na Versão C. Ambas retomam, explicitamente, o diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo, travestido de Vovó.

No Quadro 1, abaixo, faz-se uma descrição dos elementos comuns às seis versões.

QUADRO 1 – Descrição comparativa das versões

	Versão A	Versão B	Versão C	Versão D	Versão E	Versão F
Enunciação	Mãe-preta	Não revelado	Não revelado	Era uma vez	Não revelado	Não revelado
Protagonista	Zabelinha	Marieta	Izabelzinha	Zabelê	Zabelinha	Maria
Adjuvante	Cachorrinha	cachorra	Cachorrinha encantada	cachorrinha	cachorrinha	Cachorrinha
Oponente	Kibungo-gerê	Lobo	Bicho	Monstro	Bicho	Madrasta/ bicho/ Monstro
Idade	Meninazinha	Indeterminada	Moça	Moça	Indeterminada	Indeterminada
Situação familiar	Indeterminada	Indeterminada	Mora sozinha	Mora só após morte dos pais	Indeterminada	Pais (Rei e Rainha)/ Madrasta/ Filha da madrasta
Cachorrinha	Canta	Fala	Responde	Responde	Canta	Fala/Canta
Resposta dada	"– Zabelinha já lavou,/ já deitou,/ já dormiu!..."	"Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá".	"– Isabelzinha já lavou, já deitou, já rezou. Isabelzinha não vai lá fora mais"	" – Zabelê já lavou, já deitou, já dormiiiiiu."	" – Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu."	"– Maria não está aqui, foi à fonte se lavá, esperá que ela vem já."
Canto do antagonista	"Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Cadê Zabelinha, que eu quero comê!..."	"O Lobo chamou ela"	"Voz misteriosa que pergunta por sua dona (Izabelzinha)"	"Zabelê, abre a porta que eu quero entrar"	"Zabelinha, Zabelinha, cadê meus ovos?"	"– Maria, abre a porta que eu quero te cumê!"
Suposição da protatonista	Não especificada	Não especificada	Um pretendente	O noivo	O príncipe encantado	Curiosidade
Ação da Protagonista	Acender as luzes do sobrado	Não especificada	Fica indignada	Fica zangada, amarra-a longe de casa	Proíbe a cachorrinha de responder	Vai espiar o bicho que se deitara em sua cama e deixa cair sobre o bicho um pingo de vela
Ação contra a cachorrinha	Mata, enterra, queima, joga as cinzas no rio	(O Lobo) mata, queima,	Mata, queima, joga as cinzas no rio	Mata, queima, joga as cinzas no rio	Mata, queima, joga as cinzas no rio	A cachorrinha morre de doença/A filha da Madrasta, também Maria, mata a cachorrinha
Epílogo	Não especificado Situação de medo	Não especificado Situação de medo sobre os ouvintes	Isabelzinha olha nos olhos do bicho e desaparece	Zabelê é devorada pelo monstro	Zabelinha é comida pelo bicho.	Casa-se com o bicho, que se transforma num príncipe rico e poderoso/ A filha da madrasta é morta pelo outro monstro

A análise que se pode fazer a partir do quadro aponta para uma grande semelhança entre as seis versões: a partir de uma situação de enunciação clara (A e D) ou não especificada (B, C, E, F), a narrativa se faz como um texto enunciado. Há duas variações significativas no nome da protagonista (Marieta), em relação à semelhança apresentada pelas demais versões (Zabelinha, Isabelzinha e Zabelê). Apenas a Versão B é diferente das demais ao falar do Adjuvante (cachorra) e do Oponente (Lobo). No entanto, segundo Yeda Pessoa de Castro, o quibungo é também um

lobo fantástico. Assim, há uma aproximação com a Versão A e uma diferença com as demais versões, em que o Oponente é um bicho ou um monstro que devora a Protagonista. Nesse aspecto, a Versão B aproxima-se da Versão A, porque em ambas não há devoração, mas apenas a sugestão de um clímax que pode vir a assustar a protagonista, em A; ou que pode assustar a platéia, em B. Veja-se a semelhança entre os dois textos: “E o bicho voltou,/ Kibungo-Gerê!.../ e o bicho cantou,/ Kibungo-Gerê!.../ e foi abrindo a porta/ Kibungo-Gerê!.../ e foi subindo a escada,/ Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Kibungo-Gerê!...” (Versão A). Mariêêeta... tô na porta da sua casa, tô chegando na sala... tô na porta do seu quarto, tô perto da sua cama... Foi e deu um sustão nos outro (Versão B).

Zabelinha é uma meninazinha ou uma moça casadoira. Ainda que em B sua faixa etária não seja especificada, supõe-se que seja adulta, como nas versões C e D. Em todas as versões (A, B, C, D, F), não se especifica o motivo de o Oponente ir bater à porta da casa da Protagonista. Em E, o motivo é o roubo de ovos que pertenceriam ao Oponente, que vai reclamar o que lhe pertencia: “ – Zabelinha, Zabelinha, cadê meus ovos?”. Na Versão A, a chegada do Oponente se dá ex-abrupto: “E no meio da noite bateram na porta/ e cantou lá fora/ o Kibungo-Gerê.// – `Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!.../ Cadê Zabelinha, que eu quero comê!...” Na Versão B, não há nada de espetacular. Simplesmente, “O lobo foi chamar ela”. Na Versão C, “[...] uma voz misteriosa, precedida de uma batida na porta, à noite, pergunta por sua dona [...]” Também na Versão D não há uma razão para a chegada do monstro: “[...]uma batida na porta e uma voz que dizia: “ – Zabelê, abre a porta que eu quero entrar...”. Na Versão F, há semelhança com a Versão A: “— Maria, abre a porta que eu quero te comê!”, apesar de ser muito mais direta e muito mais alusiva ao ato sexual.

Apesar de ser identificada como tal apenas na Versão C, percebe-se em todas as versões que a cachorrinha é um objeto mágico, destinado à proteção da Protagonista, que não compreende esta função e se desfaz dela. Há dois aspectos a considerar: o primeiro diz respeito à crueldade em relação ao animal, que é morto, queimado e tem suas cinzas espalhadas na água. O segundo aspecto é a resistência do animal que, impedido de se manifestar, continua a cumprir sua missão de defender a Protagonista. Essa crueldade, a crer nas palavras de Bruno Bettelheim, é comum nos

contos de fadas. As irmãs da Borracheira, por exemplo, são cegadas pelas pombas, ficando cegas para sempre.¹⁶ Apenas na Versão B a cachorrinha não é morta pela dona, mas pelo Lobo. Esse deslocamento é importante, e possivelmente relacionado à situação social vivida pelo enunciador, o menino Vander. Na Versão F, como há duas histórias e a duplicação da protagonista, é a menina má, filha da madrasta, que mata a cachorrinha, para que essa não impeça a entrada do monstro que irá se metamorfosear em príncipe. Segundo Bettelheim¹⁷ o animal benfazejo é a representação da mãe, e normalmente é destruído pela madrasta. Nas várias versões (A, C, D, E), é a própria Zabelinha que mata a cachorra. Os possíveis significados seriam a independência, indicando a maturidade da personagem, e a opção pela experiência sexual, claramente indicada nas várias versões.

Algo evidente em todas as versões é a solidão da Protagonista. Ela vive só em um sobrado, em uma casa, à beira de um rio, porque seus pais morreram ou porque quis morar sozinha. Ela não tem um passado, não tem família. Apenas na Versão F ela é expulsa de casa, abandonada na mata, acompanhada apenas pela cachorrinha. Esta imagem do abandono, da inveja da madrasta e de sua(s) filha(s) é comum a vários contos de fadas (do Joãozinho e Maria às histórias da Branca de Neve e da Gata Borracheira. Apesar das vicissitudes por que passa, acha que tem um futuro e que este futuro é o casamento, como aparece em três versões. Na Versão B, Marieta está condenada a um trabalho permanente de lavar, passar e dormir, possivelmente refletindo o cotidiano de uma moradora de favela, na periferia de Belo Horizonte. Na Versão A, é apenas uma meninazinha, cuja raiva reiterada não se explica nem explica a violência contra a cachorrinha. Na Versão F, a curiosidade de Maria a leva a derramar um pingote de vela no bicho, que se transforma num príncipe encantado, rico e poderoso, que logo a abraça, a beija e diz: "minha amada".

O final da narrativa, nas seis versões, ainda que mais claramente em três delas, aponta para um destino trágico, em que a Protagonista é comida pelo Oponente, sem que o objeto mágico Adjuvante, despojado de seu poder, possa fazer alguma coisa. Todas as versões apresentam o sujeito, a Protagonista, sozinha e isolada, no alto de um sobrado, na beira

¹⁶ BETTELHEIM. *A psicanálise dos contos de fadas*, p. 293.

¹⁷ BETTELHEIM. *A psicanálise dos contos de fadas*, p. 29.

de um rio ou perto de uma floresta, deixada consigo mesma, a fim de exercer opção: preservar-se ou entregar-se sexualmente. A esse respeito, diz Bettelheim: "Tanto no inconsciente quanto no consciente, os números representam as pessoas. Situações familiares e relações. Estamos bem conscientes de que 'um' representa a nós mesmos em relação com o mundo, como sustenta a referência popular ao 'Número Um'."¹⁸

As fábulas ou as parábolas têm a função de transmitir um ensinamento. Nesse sentido, são didáticas. O final da Versão C reitera o ensinamento: se os conselhos não forem seguidos, a Protagonista pode desaparecer, ou seja, perder sua identidade, deixar de ser um e vir a ser um zero, um nada. Segundo Crestani, a parábola é um gênero que se caracteriza pela brevidade, facilitando sua reprodução oral, e pelo desligamento das categorias de personagem, espaço e tempo: os personagens são tipos genéricos, o espaço é indeterminado e o tempo não é marcado cronologicamente. Tudo isso favorece sua universalidade.

"A terrível parábola" se inscreve, portanto, dentro das categorias deste gênero, como uma forma exemplar, apontando para as consequências das desobediência às normas que, nas várias versões, são apresentadas pela cachorrinha. O mal, que parece ser a experiência sexual sem critério, seja pela referência explícita ao Quibungo/xibungo, seja pela menção ao noivo ou ao pretendente, seria anulado pela prudência da cachorrinha, objeto benfazejo e protetor, provável representante da figura materna. Em todas as versões o Quibungo/bicho entra porta a dentro, isto é, ele arromba, penetra, invade, ou simplesmente entra, aproveitando o consentimento dado explicitamente pela Protagonista, que abre a porta para ele. Mesmo a Versão B, em que esta entrada do Oponente não é dita de forma clara, termina com ele instalado dentro da casa. Tudo isso se caracteriza como uma clara referência à sexualidade, que se reafirma na menção ao ato de dormir. Na Versão F, o silêncio da cachorrinha, morta de morte natural, sinaliza para o bicho a ausência de perigo, permitindo-lhe arrambar a porta.

Em todas as versões, a cachorrinha argumenta que a Protagonista está dormindo: "– 'Zabelinha já lavou,/ já deitou,/ já dormiu!...'; 'Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá'; '– Isabelzinha já lavou, já deitou, já rezou. Isabelzinha não vai lá fora mais'; '– Zabelê já

¹⁸ BETTELHEIM. *A psicanálise dos contos de fadas*, p. 184.

lavou, já deitou, já dormiiiiiu.’; ` – Zabelinha já aseou, Zabelinha já deitou, Zabelinha já dormiu.’” Apenas na Versão F, a cachorrinha canta que Maria não está: “– Maria não está aqui, foi à fonte se lavá, espera que ela vem já.” Estar dormindo ou ausente significa estar livre da tentação sexual; estar acordada significa poder abrir a porta e metaforicamente, aceitar o ato sexual. Como o Oponente é um Quibungo/xibungo ou um Lobo, ou suas metamorfoses, o ato sexual pode ser prejudicial e destrutivo para a identidade da Protagonista. Ou, pela mesma razão, isto é, pelo fato de ser apresentado como Quibungo/xibungo, processa-se uma desqualificação do Oponente, que seria visto como mau, ruim, contrário às práticas sadias voltadas à reprodução, e favorável apenas ao prazer. Todas as versões fazem referência à água, ao ato de se lavar. Se, por um lado, isso pode significar um ritual de purificação, pode também simbolizar o ato sexual, ou a preparação para ele.

O trabalho comparativo entre as seis versões permite apontar as semelhanças entre elas e pressupor a existência de uma fonte oral, comum a todas, apesar das diferenças de tempo e de espaço existentes. São regiões diferentes: Cordisburgo, Três Marias, Diamantina, Turmalina pertencem a uma mesma região; Belo Horizonte é a capital, no centro do Estado; e Machado fica no Sul de Minas. Apesar disso, são unidas por um elemento comum, que é a cultura negra, origem do Kibungo-Gerê, metamorfoseado em bicho, monstro e lobo nas cinco últimas versões. A comparação permite ainda indicar a difusão dessa cultura fora de seu local de origem no Brasil, a Bahia, há muitos anos.

Supondo-se que Rosa a tenha ouvido quando criança, e que ela tenha sido trazida pelos escravos durante o século XIX, pode-se afirmar que tem de cem anos a cento e cinquenta anos. Além disso, fica evidente que a narrativa, em todas as versões, tem um caráter exemplar, parabólico e alegórico, que lhe permite abordar problemas humanos básicos, de uma forma simples, dando margem a que o leitor ou ouvinte – possivelmente uma criança – tome sua decisão quanto ao bem ou ao mal. Não se cogita, aqui, de avaliações morais a respeito da validade ou não da tese defendida pela parábola, uma vez que o intuito foi apenas fazer a comparação entre as versões. Cabe ao leitor decidir se o melhor é fechar ou abrir a porta para o suposto príncipe encantado.

Referências:

- BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira*: poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984a.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984b.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura do Salvador, 1978.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Da fala à escrita: uma criança e suas histórias. In: GONÇALVES, Gláucia Renate; RAVETTI, Graciela. *Lugares críticos*: línguas, culturas, literaturas. Belo Horizonte: Orobó Edições, Fale UFMG, 1998.
- CRESTANI, Jaison Luís. A representação da instabilidade do mundo moderno nas parábolas de Brecht e de Kierkegaard. Assis: Unesp, [s. d.]. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/revistaeutomia/pdfnew/artigo26.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2009.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, Jorge de. *Poemas negros*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1997.
- LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa*. Rio: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. (Coleção Fortuna Crítica, n. 6).
- OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. As origens de Magma. *Caligrama*: revista de estudos românicos, Belo Horizonte, v. 5, 115-126, nov. 2000.
- NASCIMENTO, Carolina; FERNANDES, Gleicienne; PITHON, Mariana. *De quibungos e meninos*: Um apanhado de histórias de bicho-papão de África e Brasil. 1 ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. (No prelo).
- ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio: Nova Fronteira, 1997.
- SOUZA, Ângela Leite de. *Contos de fada*: Grimm e a literatura oral no Brasil. Belo Horizonte: Editora Lê, 1996.

Uma vez um quibungo

Josiley Souza

O personagem quibungo integra um ciclo de narrativas registradas em coletâneas de contos orais coligidos no Brasil. O quibungo é uma espécie de bicho papão, com uma enorme boca nas costas por onde engole crianças e, em algumas narrativas, aparece sob diferentes formas e denominações. Esse personagem surge como um lobo fantástico, um cão selvagem ou como um ser antropomórfico e é chamado também de Bicho Pondê, Bicho-homem, Titi-Marué e Bicho Cumujarim.

Segundo a pesquisadora Yeda Pessoa de Castro, a publicação de narrativas do ciclo do quibungo foi iniciada em *Contos populares brasileiros*, de Lindolfo Gomes, cuja primeira edição é de 1918. Nesse livro, foi publicado "O bicho pondê", conto registrado pelo próprio autor em Minas Gerais, no município de Juiz de Fora. O registro de Lindolfo Gomes foi apontado pela pesquisadora como o único do ciclo do quibungo realizado fora do território baiano.

O folk-lore no Brasil, de Basílio de Magalhães, publicado pela primeira vez em 1928, reúne sete contos do ciclo do quibungo. Nesse livro, foram publicadas seis narrativas registradas por João da Silva Campos na região do Recôncavo Baiano: "A menina e o quibungo", "O bicho cumujarim", "Titi marué", "O bicho-homem", "A aranha caranguejeira e o quibungo" e "O quibungo e o menino do saco de penas". Além do registro, coube também a João da Silva Campos a organização desses contos em *O folk-lore no Brasil*. Ainda nessa obra, há "O quibungo e o filho Janjão", registrado pelo próprio Basílio de Magalhães na cidade de Salvador.

Nina Rodrigues registrou dois contos do ciclo do quibungo (“O quibungo e o homem” e “O quibungo e a cachorra”), publicados em *Os africanos no Brasil*, que teve sua primeira edição lançada em 1933. Esses contos teriam sido registrados também em Salvador no final do século XIX.

Ainda mais três contos do ciclo do Quibungo (“Quibungo-rei”, “Quibungo alaiberu” e “Quibungo na festa da aranha”) foram registrados por Souza Carneiro e publicados em *Os mitos africanos no Brasil*, lançado em 1937. Os registros desses contos foram feitos no Recôncavo Baiano e em Salvador.¹

Além desses registros, alguns acompanhados de análise das narrativas do ciclo do quibungo, esses contos mereceram a atenção de pesquisadores que se dedicaram ao estudo da cultura de tradição oral no Brasil, como Arthur Ramos que, em *O folclore negro do Brasil*, dedicou um capítulo – “Os contos do quibungo e o ciclo da transformação” – a esse ciclo de histórias, e Luís da Câmara Cascudo, que publicou um estudo intitulado “Quibungo”, em *Geografia dos mitos brasileiros*. Em todos os estudos do ciclo do quibungo é unânime a filiação dessas narrativas à África.

Nina Rodrigues, em *Os africanos no Brasil*, atribuiu os contos do ciclo do quibungo à cultura banto. Para ele, a história desse personagem estaria ligada à própria história dos povos africanos bantos.

É para notar que na língua Lunda o lobo é chamado *chibungo*.

Mas, para ter-se uma idéia exata da concepção popular da entidade Quibungo, é preciso ir mais longe e remontar à história dos povos bantos.

Buscando penetrar no significado preciso do termo *quibundo*, escreve Major Dias de Carvalho:

‘Sem nos importar agora a origem dos povos da região central do continente africano, o que me parece não oferecer já dúvida alguma é que daí vieram os povos por diferentes emigrações para a costa ocidental, e lá encontramos o vocábulo *cabunda*, mas com um significado que não é bem o *bater* de Cannecattim, que me parece melhor tornar conhecido tal como me foi explicado. Suponha-se um grupo de homens armados, que vêm de longe sem ser esperados a uma terra estranha; os povos desta, atemorizados por gente que lhes é inteiramente desconhecida, fogem-lhe, ou humilhados e surpreendidos sujeitam-se às suas imposições. Aqueles, esfomeados,

¹ As informações sobre registros e publicações de contos do ciclo do Quibungo foram extraídas do texto “Contos Populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos”, da pesquisadora Yeda Pessoa de Castro.

a primeira coisa de que tratam é de correr imediatamente às lavras e devastar tudo para comerem, e em seguida vão-se apossando do que encontram, incluindo mulheres e crianças. Se lhes convém a terra, estabelecem nela a sua residência permanente: senão seguem o seu caminho.

A ação que esse grupo praticou chamam *cumbundo*, e a cada indivíduo que faz parte do grupo, *quimbundo*, o que eu creio ter interpretado bem por *invadir, invasor*.¹

Da idéia e dos sentimentos de terror e desprezo, inspirados pelo quimbundo invasor, talando de surpresa os campos e roubando crianças e mulheres, associados à idéia e ao terror inspirados pelo lobo, *chibungo*, nasceu evidentemente na imaginação popular a concepção dessa entidade estranha – o Quibungo, que os bantos transmitiam às nossas populações do Norte e nelas persiste agora, mesmo após o desaparecimento dos povos em que teve origem.²

A partir do estudo dos contos registrados por Nina Rodrigues, com o acréscimo de outros registros, Souza Carneiro, em *Os mitos africanos no Brasil*, criticou a filiação dessas narrativas à cultura banto, atribuindo esse personagem à cultura iorubá.

Quibungo é mito angolês. Nos contos coligidos por Nina Rodrigues, a feição iorubana é dominante. O iorubano, por motivos que já temos exposto, nunca viu bem o angolês. Quibungo foi justamente o termo que serviu aos nagôs para, defendendo o seu *totem*, o rinoceronte, – *mungo* – feito, na Língua Geral Africana, *quimungo* e logo chamado *Quibungo* – humilharem, por todos os meios, todos os bantos, especialmente aqueles que tenham o *Quibungo* – lobo – por *totem*.³

Em estudo publicado no final da década de 1970, Yeda Pessoa de Castro destacou a presença da cultura banto nessas narrativas. A pesquisadora apontou equívocos na análise de Souza Carneiro e mostrou que a palavra *mungo*, que para este teria uma origem iorubá, da qual derivaria a palavra *quibungo*, tem, na verdade, origem banto.

A palavra *quibungo* vem do étimo banto MBUNGU, a hiena, o cão selvagem, com prefixo nominal classe 7 que dialetalmente pode ser KI ou CHI, sendo que o prefixo CHI pode dar uma ideia depreciativa ou pejorativa ao sentido da palavra, e às vezes também aumentativa.

Na África banto, entre os baongo (Zaire, República Democrática do Congo e Angola) e entre os ambundo (Angola), embora a forma

² RODRIGUES. *Os africanos no Brasil*, p. 204-205.

³ CARNEIRO. *Os mitos africanos no Brasil*: ciência do folk-lore, p. 288.

XIMBUNGO, de pronúncia dialetal, seja menos frequente do que QUIBUNGO, ambas ocorrem para designar um ente fantástico com as mesmas características e propósitos do QUIBUNGO do recôncavo baiano.

[...]

Acontece, porém, que “mungo” não é étimo iorubá, mas banto, e vem de MUNGO que, a depender da diferenciação estabelecida pelos acentos tonais – as línguas também são línguas tonais –, significa rinoceronte ou dorso, costas, nesse último caso a raiz encontrada na palavra MONGONGO e em BICHO MONGONGO, que por decalque em português passou a ser BOCA NAS COSTAS, denominações que Souza Carneiro e só ele registra para o QUIBUNGO na Bahia, provavelmente correntes na região do Recôncavo e na cidade de Salvador, áreas onde ele realizou suas pesquisas.⁴

Percebe-se que na tradição oral se fazem presentes constantes processos de movimento e transformação. Pesquisadores da tradição oral, como Paul Zumthor, observaram que no processo de transmissão oral de uma narrativa, esta sofre metamorfoses e incorpora elementos de diferentes culturas.⁵ Assim, no jogo do ouvir e do contar, um mesmo personagem ou uma mesma história são transmitidos de boca a ouvido, de geração a geração, viajam por lugares e tempos distantes e se metamorfoseiam. Tais movimentos e transformações acabam por dificultar o desenvolvimento de estudos que têm por objetivo definir a origem cultural ou geográfica de determinados contos orais.

Tomando os contos do ciclo do quibungo, é possível também notar movimentos e transformações em que se inscrevem outras vozes junto à voz africana. Souza Carneiro, por exemplo, observou que no desfecho da história “O quibungo e o homem”, a presença da arma de fogo que mata o monstro seria um elemento do território brasileiro incorporado ao conto.⁶ “O homem entrou, atirou no Quibungo, matou-o e tirou os filhos pelo buraco das costas. Entrou por uma porta, saiu por um canivete, el-rei meu senhor, que me conte sete.”⁷

No entanto, considerando as metamorfoses que permeiam as narrativas de tradição oral, talvez seja possível ainda outra observação:

⁴ CASTRO. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos, p. 19-20.

⁵ ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*, p. 258.

⁶ CARNEIRO. *Os mitos africanos no Brasil*: ciência do folk-lore, p. 289.

⁷ RODRIGUES. *Os africanos no Brasil*, p. 203.

o tiro que mata o Quibungo e a libertação da família do interior do corpo do monstro não seriam um diálogo com a cultura europeia? Afinal, esse desfecho não se aproximaria da história de Chapeuzinho Vermelho?

Apesar de as pesquisas aqui mencionadas apontarem uma concentração no estado da Bahia dos registros de narrativas do ciclo do quibungo publicados na primeira metade do século XX, ao se considerar a transmissão oral das narrativas e as transformações pelas quais passam os contos, é possível perceber a ocorrência de histórias desse ciclo em outras regiões do Brasil.

Magma, por exemplo, único livro de poemas de Guimarães Rosa, publicado postumamente, apresenta "A terrível parábola", que é, na verdade, mais uma narrativa do ciclo do quibungo.

A Mãe-Preta contava:

uma meninazinha
morava num sobrado
com uma cachorrinha.
E no meio da noite bateram na porta
e cantou lá fora
o Kibungo-Gerê.
– "Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!...
Cadê Zabelinha, que eu quero comê!..."
Mas a cachorrinha, acordada,
cantou para o bicho
Kibungo-Gerê:
– "Zabelinha já lavou,
já deitou,
já dormiu!..."
E pela noite afora
foi andando embora
o Kibungo-Gerê.
A menina, com raiva,
matou a cachorrinha.
Mas na outra noite,

quando o bicho voltou,
a cachorrinha morta cantou no quintal...
A menina, de raiva, enterrou a cachorrinha,
a menina, de raiva, queimou a cachorrinha,
a menina, de raiva, jogou no rio a cinza
da brava cachorrinha,
que cantava acordada,
que cantava morta,
que cantava enterrada,
que cantava nas cinzas,
e que parou de cantar...
E a menina acendeu todas as luzes do sobrado,
para esperar o bicho
Kibungo-Gerê.
E o bicho voltou,
Kibungo-Gerê!...
e o bicho cantou,
Kibungo-Gerê!...
e foi abrindo a porta
Kibungo-Gerê!...
e foi subindo a escada,
Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!...
Kibungo-Gerê!...⁸

Uma vez que podemos observar a presença intensa de elementos da tradição oral no processo de criação literária de Guimarães Rosa – o próprio livro *Magma* apresenta outros poemas que dialogam com narrativas da tradição oral: “A Iara”, “Mil e uma noites” e “O caboclo d’água” – talvez “A terrível parábola” represente a inscrição de uma narrativa ouvida ainda durante a infância do escritor, que nasceu no interior de Minas Gerais, em 1908.

O professor e pesquisador Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, no artigo “A terrível parábola: as versões de um poema de João Guimarães Rosa”, ao

⁸ ROSA. *Magma*, p. 98-100.

analisar o poema de Guimarães Rosa, observa a existência de registros de outras versões da história, realizados em diferentes regiões de Minas Gerais. Uma delas foi registrada em Belo Horizonte, durante pesquisa desenvolvida pela professora Maria da Graça Costa Val, em 1993.

Essa versão, que chamaremos de **Versão B**, foi recolhida na área urbana de Belo Horizonte, narrada por um garoto em fase de alfabetização, de uma escola pública, pela professora Maria da Graça Costa Val, com objetivos de verificar os procedimentos de elaboração e reelaboração narrativa, assim como o domínio do narrador sobre os efeitos dela. A versão é a seguinte:

A Marieta tava lavando as roupa... as vasilha e quando ficou de noite ela foi dormir. O lobo foi chamar ela. A cachorra falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi, ela lavou tudo de novo, ela tava lavando as vasilha... as roupa, quando ficou de noite, ela foi e dormiu. O lobo foi chamar ela. Aí, a cachorra falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi, o lobo matou ela. Foi Marieta tava lavando as roupa... as vasilha, e quando ficou de noite, o lobo foi chamar ela. Foi, a cachorra morta falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Depois, queimou ela. Aí, a Marieta tava lavando as roupa e as vasilha. Foi, a cachorra queimada foi e falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Foi e varreu ela, o pozinho dela, sobrou um pouquinho do resto dela. Foi, Marieta tava lavando as roupas e as 'vasia', quando ficou de noite. O lobo foi e chamou ela. Aí, o pozinho da cachorra foi e falou: Marieta já lavou, Marieta já passou, se quiser alguma coisa, amanhã cê passa lá. Mariêêêta... tô na porta da sua casa, tô chegando na sala... tô na porta do seu quarto, tô perto da sua cama... Foi e deu um sustão nos outro.

Mariêêêtaa!!!⁹

Nessa narrativa, o monstro, que desempenha a função de Kibungogerê, surge como um lobo fantástico. Desse modo, é retomado o próprio significado da palavra *quibungo* que, conforme observou Yeda Pessoa de Castro, vem do étimo banto *mbungu*, cujo significado é *cão selvagem*.

Percebe-se que nas metamorfoses que envolvem as histórias do ciclo do quibungo, o próprio personagem quibungo adquire formas variadas. Em um dos contos que integram esse ciclo, registrado por João da Silva

⁹ AMBRÓSIO. *Brasil Interior*: palestras populares - Folk-lore das margens do S. Francisco, p. 69.

Campos, o monstro é nomeado como bicho-homem. Nessa história, o monstro não aparece com uma abertura nas costas por onde engole crianças, mas é descrito com uma boca muito grande que cumpre a função de devorar.

Histórias envolvendo o bicho-homem são encontradas em diferentes regiões do Brasil. No livro *Brasil interior: palestras populares – Folk-lore das margens do S. Francisco*, de Manuel Ambrósio, publicado em 1934, há o registro de uma história do bicho-homem. Nessa narrativa, o personagem, além de ter o atributo de devorar suas vítimas, é descrito com apenas um olho e é dotado de grande tamanho, ao modo de um ciclope.

No fundo das mattas virgens e encostas das escarpadas serras de S. João das Missões de Januaria, segundo lendas antigas, morava o Bicho-homem. Rezavam ellas que em tempos primitivos, dezenas de indios caçadores e melladores d'aquella aldeia foram por elle devoradas.

Diziam-no um gigante tão alto, que sua cabeça tocava às frondes das mais altas árvores, tendo um olho só, um pé só, pé enorme, redondo denominado por isto de pé de garrafa.¹⁰

Outro registro de narrativa com o personagem bicho-homem foi feito no município de Minas Novas, em Minas Gerais. Na década de 90 do século XX, a pesquisadora Sônia Queiroz registrou “O caso do bicho-home”, narrada pelo contador Joaquim Soares Ramos.

Era uma famia de gente aonde tinha um rapazin que via sempre falá no Bicho-home. Falô:

– Ô, gente, mais eu tinha uma vontade de cunhecê o Bicho-home!

Foi crescono naquilo. Quando foi que ele virô um rapaz mesmo, falô:

– É moço, só ieu saíno pa vê se eu encontro mais o Bicho-home. Eu tenho muita vontade de cunhecê ele.

Antão saiu.¹¹

As metamorfoses que permeiam a tradição oral acabam também por permitir a identificação de ressonâncias das histórias do quibungo em outro conto oral transmitido em terras brasileiras e também registrado na Europa: a história do homem do surrão. Nessa narrativa, o personagem

¹⁰Acervo do projeto Quem conta um conto aumenta um ponto, da Faculdade de Letras da UFMG. Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, a partir de gravação feita com Joaquim Soares Ramos, em Minas Novas, agosto de 1997, por Sônia Queiroz.

¹¹CASCUDO. *Geografia dos mitos brasileiros*, p. 238.

“engole” suas vítimas por intermédio de um saco de couro que leva às costas. Luís da Câmara Cascudo, em *Geografia dos mitos brasileiros*, sugeriu analogia do homem do surrão com o quibungo.

O Homem do Surrão faz parte de estórias portuguesas e está em quase toda a Europa. É um homem velho, esfarrapado, sujo e muito feio, que procura agarrar as crianças vadias ou descuidadas, e metê-las num grande saco de couro, de abertura larga. Não se sabe como morrem as crianças. Se o homem as come ou mata-as pelo prazer de matá-las. Cada criança que o homem segura é sacudida no surrão que se fecha. Para este movimento é preciso que o homem baixe a cabeça. O surrão abre-se. Pressa a criança, fechado o saco, o homem ergue a cabeça. São as atitudes do Quibungo com sua imensa bocarra. Pela descrição, a boca do Quibungo é um saco.¹²

Nesse conto, o homem do surrão prende uma criança dentro do seu saco de couro e a obriga a cantar. Várias pessoas, ao ouvirem o canto, desconhecendo que dentro do saco o homem leva uma criança, acabam por acreditar na magia do surrão. Em uma das histórias, registradas por João da Silva Campos, o homem do surrão é um negro velho.

Uma menina foi tomar banho na fonte e esqueceu-se dos seus brinquinhos de ouro em cima de uma pedra. Quando chegou em casa, que deu por falta deles, voltou para procurá-los. Um negro velho, que estava escondido dentro do mato, assim que ela acabou de tomar banho e foi-se embora, saiu, apanhou os brincos e botou-os dentro do seu surrão. Quando a menina tornou à fonte, não encontrando os brinquinhos, perguntou ao negro velho, que estava ali sentado, fumando o seu cachimbo:

– Meu tio, você viu uns brinquinhos de ouro que eu deixei aqui em cima desta pedra?

– Ah! ah! ah! sinhazinha, respondeu o negro. Tá qui dentro di minha surrão. Enta, sinhazinha, pa tirá.

E abriu a boca do surrão. Assim que a boba entrou, ele fechou a boca do surrão, amarrou bem, botou o surrão nas costas e saiu por ali afora. A menina, coitadinha, chorava para se acabar. Chegando a uma casa, disse o negro:

– Assuncê qué vê minha surrão cantá?

– Quero, respondeu o dono da casa.

¹²CAMPOS. O surrão que cantava.

O negro foi logo dando o preço: – é tanto. Arriou surrão no chão e disse:

– Canta, canta, minha surrão,

Sinão eu ti dá

Cum cachamora di minha brudão.

A pobrezinha, com medo das pancadas, cantou:

– Neste surrão eu estou,
Neste surrão morrerei,
Por causa de uns brinquinhos de ouro,
Que lá na fonte deixei.¹³

Nessa narrativa, apesar de emergir um preconceito envolvendo a figura do negro, que é representado como um anti-herói, instaurando-se, a exemplo do que ocorre na Literatura Brasileira escrita, o estereótipo do negro vilão,¹⁴ a presença desse personagem acaba também por estabelecer um diálogo da narrativa com a própria tradição oral africana. Nas narrativas do ciclo do quibungo, uma das explicações para a existência do monstro seria o fato de que negros velhos se transformariam em quibungo. Desse modo, o homem do surrão seria uma espécie de negro velho assumindo a forma de quibungo.

Em outra narrativa que envolve o homem do surrão, publicada por Nair Starling, em *Nossas lendas*, cuja primeira edição é de 1946, a voz africana acaba por se fazer presente de maneira mais explícita. Nessa história, o próprio homem surrão recebe uma denominação africana: candombe serê.

Menina levada como a Heleninha não existia! Desobediente, estava sempre obrigando a mãe a repreendê-la várias vezes ao dia.

A mãe dizia-lhe com carinho e amor:

– Filhinha, não saia sozinha, não fuja de casa, não ande pelos escuros e em lugares longe da mamãe.

Entravam por um ouvido e saíam pelo outro os conselhos da mãe. Heleninha era mesmo incorrigível!

Muita gente que a via na rua, suja e só, perguntava assombrada:

– Cruzes, esta menina não tem mãe?

Por várias vezes a mamãe de Heleninha soube disso e chorou de mágoa.

¹³ A respeito da criação de estereótipos na representação do negro na literatura brasileira, ver, por exemplo, PROENÇA FILHO. O negro e a literatura brasileira.

¹⁴ STARLING. *Nossas lendas*, p. 117.

Heleninha, entretanto, era incorrigível.

Mas o castigo de Deus, quando tarda, já está a caminho...

Aconteceu que, um belo dia, Heleninha saiu como de costume, e resolveu dar um giro à beira do rio.

Beira de rio será lugar para uma menina andar sozinha?

Não, não é! Heleninha sabia bem disto, mas teimosa, só fazia sua própria vontade e lá se foi satisfeita, saltitante pela estrada.

O rio rolava e cantava:

– Bom dia, menina Helena, que fazes aqui, sozinha?

Heleninha, jogando pedrinhas dentro do rio, respondia:

– Vim ver-te, rio. Como vão os peixinhos?

Mas o diálogo não durou muito. Mão feia e cabeluda agarrou-a. A pobre menina nem tempo de gritar teve.

Estava segura! Num minuto, estava dentro de um saco enorme, todo fechado, escuro como breu. Era o saco de Candombe Serê...

Desse dia em diante, o destino da pobre Heleninha foi andar de porta em porta, dentro do saco escuro do Candombe e cantando à sua ordem brutal:

Canta, canta, meu surrão,

Senão te meto meu facão.

Canta, canta, meu surrão,

Senão te meto meu facão...

Cabe observar que nessa história, o personagem candombe será aproxima-se também da forma antropomórfica do quibungo, sob uma figura que o coloca entre o humano e o animal. É interessante destacar também que esse conto mantém um forte diálogo com “O bicho pondê”, uma das histórias que integram o ciclo do quibungo e que representaria a primeira publicação de histórias desse ciclo no Brasil, registrada por Lindolfo Gomes no município de Juiz de Fora e publicada pela primeira vez em 1918.

Era uma vez uma menina que não parava em casa. Se sua avozinha a mandava a algum lugar, demorava-se pelas estradas, distraída a brincar.

Um dia saiu a um mandado, e por lá ficou horas esquecidas.

Mal se precatou, apareceu-lhe o Bicho Pondê que por força queria comê-la.

A menina começou a chorar:

– Não me mates, não. Deixa-me chegar à porta de minha madrinha.

O bicho consentiu. E lá foram os dois. Chegaram, e a menina cantou batendo à porta:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha madrinha,
Candombe-serê,
Que o bicho Pondê,
Candombe-serê,
Quer me comer.
Candombe-serê.

E a madrinha respondeu

Não te abro a porta,
Candombe-serê,
Minha afilhadinha,
Candombe-serê,
Eu bem te dizia,
Candombe-serê,
Que o bicho Pondê,
Te havia de comer.¹⁵

Observe-se que na narrativa registrada por Lindolfo Gomes, a expressão candombe-serê compõem uma espécie de refrão do canto que é entoado pelos personagens. Cabe destacar que, conforme observou Luís da Câmara Cascudo, é frequente a presença de cantos nas histórias do ciclo do quibungo. Segundo o pesquisador do Rio Grande do Norte, a presença desses cantos seria, inclusive, um elemento que aponta a presença da cultura africana nas narrativas desse ciclo.¹⁶ Assim, o refrão do canto de uma história do quibungo ressoa em outra história, transformando-se no nome do homem do surrão na narrativa publicada por Nair Starling.

É importante considerar, mais uma vez, os intensos movimentos e as metamorfoses que permeiam as narrativas da tradição oral e, com isso, a dificuldade de desenvolvimento de estudos que pretendem analisar a filiação cultural de determinados contos orais. Existem, por exemplo, registros de histórias do homem do surrão realizados na Europa, como a narrativa "Canta surrão", que integrou a Coleção Formiguinha, da editora infantil Majora, de Portugal, que reuniu contos infantis, cujas primeiras edições são da década de 60 do século XX. Com isso, as histórias do homem do surrão, ao mesmo tempo em que revelam ressonâncias do ciclo

¹⁵ GOMES. *Contos populares brasileiros*, p. 55-56.

¹⁶ CASCUDO. *Geografia dos mitos brasileiros*, p. 235.

do quibungo, apresentam diálogos com outras narrativas contadas em território europeu.

Em tempos que já lá vão, havia uma viúva que tinha uma filha, de nome Beatriz, que era o seu "ai Jesus". A menina, uma grande curiosa, nunca saía da beira da mãe, sem que esta lhe dissesse:

- Tem cautela, Beatriz, vê lá onde metes o nariz!

Apesar, porém, deste aviso, a cachopita, muito embora promettesse ser ajuizada, mal se via longe da mãe, coscuilhava tudo, acontecendo-lhe, por isso, constantes e desagradáveis surpresas. Metia o dedo no frasco da pimenta e ficava com a língua em fogo; mexia na ratoeira dos ratos e trilhava-se. Assim, a pobre mãe andava sempre em sobressaltos e a queixar-se aos vizinhos:

- Ai, senhora Miquelina, qualquer dia fico sem a minha menina!

- Ai, senhor Ferreira, que cuidados! Esta filha é os meus pecados...

Certa vez, por alturas do S. João, as outras raparigas da terra vieram pedir à mãe de Beatriz que a deixasse ir com elas tomar banho ao rio.

A mãe, após muito instada, consentiu. Largou dali, portanto, o rancho, não sem que antes, e como de costume, aquela aconselhasse à filha que procedesse com tino, para que lhe não sucedesse nenhum mal. A menina prometeu seguir o conselho. Mas, chegada ao rio, a sua cabecinha oca já de nada se lembrava.

E, no momento de se meterem à água, disse-lhe uma das companheiras:

- Tira os teus brincos e põe-nos em cima de uma pedra, visto que te podem cair na água.

Beatriz assim fez e entrou depois no rio com as amigas.

Ora, estando todas a chapinarem-se, veio uma pega e roubou os brincos e, logo em seguida, passou pelo mesmo local um velho, com um surrão ao ombro. Terminado o banho, Beatriz deu por falta dos brincos e desatou a chorar. E as companheiras, então, sugeriram:

- Se calhar, foi o velho quem os roubou.

A menina não quis ouvir mais, largando a correr no encalço do velho. E, como sucedesse alcançá-lo, rogou-lhe:

- Dê-me os meus brincos, santinho!

- Tu estás maluca, rapariga? Ceguinho seja, se tos roubei...

Beatriz acreditou, mas, vendo-lhe o saco e ardendo de curiosidade de saber o que ele continha, fingiu que não acreditara e retorquiu:

- Quem mais jura mais mente... Cá para mim, vocemecê tem-nos escondidos no surrão.

- Ah, ele é isso? Pois então espreita – vociferou o velho, muito zangado.

Beatriz meteu a cabeça e, no mesmo instante, o velho empurrou-a para dentro do saco dele e fechou-o, pondo-o às costas e seguindo jornada. Quando as outras pequenas apareceram sem a companheira, a pobre viúva, por entre lágrimas, lamentou-se:

- Eu não lhe dizia, senhora Miquelina, que ficava sem a minha menina?

- Veja, senhor Ferreira, no que lhe deu a asneira!

O velho, ao passar entretanto a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

- Daqui em diante, hás-de-me ajudar a ganhar a vida. Eu ando pelas estradas, feiras e romarias a pedir e, quando disser:

“Canta, surrão,

Senão levas com o bordão...”

Tens de cantar por força. Toma sentido...¹⁷

Percebe-se, assim, na tradição oral a instauração de variados processos de cruzamentos interculturais. As histórias do ciclo do quibungo revelam elementos que apontam o entrecruzamento das culturas americanas, africanas e europeias. Arthur Ramos, em *O folclore negro no Brasil*, já chamava a atenção para o fato de que os contos “-maruê” e o “O bicho-homem”, registrados por João da Silva Campos, incorporavam elementos europeus e ameríndios.¹⁸ O próprio quibungo assume uma forma híbrida – cão selvagem, homem com um saco às costas, lobo fantástico... – que torna seu próprio corpo uma espécie de figuração do entrecruzamento de elementos de diferentes culturas.

Tomando os diálogos entre África e Brasil, é possível observar que as relações interculturais entre esses dois territórios aconteceram de maneira intensa entre os séculos XVI e XIX. Alberto da Costa e Silva, por exemplo, no livro *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*, pesquisou essas relações proporcionadas por viajantes que se deslocaram entre as duas regiões. Essas viagens acabaram por moldar

¹⁷ Canta surrão. Disponível em: <http://www.laretrete.blogspot.com/2006_04_01_archive.html>.

Acesso em: 11 set. 2008.

¹⁸ RAMOS. Os contos do Quibungo e o ciclo de transformação, p. 175-176.

expressões culturais em terras brasileiras e africanas.

Essas constantes viagens contribuíram para avivar na Bahia a marcante presença nigeriana e, na Nigéria, a influência brasileira.

O fenômeno não foi apenas nigeriano. Também os brasileiros do Togo e do Daomé construíram sobrados neoclássicos, e até hoje comem cocadas, moquecas de peixe com pirão de farinha de mandioca, cozido, feijão-de-leite, feitos à maneira do Brasil. Em Porto Novo dança-se o 'burrinhão' – a burrinha ou o bumba-meu-boi brasileiros – com versos em português, conservados pela tradição oral. E ali se celebra a festa do Senhor do Bonfim, no mesmo dia que em Salvador.¹⁹

Nessas relações interculturais é possível perceber o fenômeno da transculturação, conceito cunhado por Fernando Órtiz no âmbito da antropologia na análise da cultura cubana e, posteriormente, transposto para o campo da literatura por Ángel Rama.

Entendemos que o vocábulo 'transculturação' expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano 'aculturação', mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial 'desaculturação', e, além disso, significa a consequente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados 'neoculturação'.²⁰

Observa-se que cruzamentos interculturais e as metamorfoses por que passaram as narrativas do ciclo do quibungo instauraram a possibilidade de que a voz africana, desterrada de seu continente, pudesse habitar terras brasileiras. Essas histórias podem ser tomadas como a própria representação simbólica da situação dos africanos escravizados e de suas expressões culturais, trazidos da África e obrigados a ocuparem um novo território. Nessa nova terra, as histórias se inscreveram, transformam-se a si próprias e às culturas com as quais entraram em diálogo. Desse modo, ainda que consideremos críticas ao conceito explorado por Fernando Órtiz e Ángel Rama, como a crítica de Alberto Moreiras, que aponta o risco de

¹⁹ COSTA e SILVA. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*, p. 100.

²⁰ ORTIZ. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*.

assimilação de expressões culturais marginalizadas às culturas dominantes em processos de transculturação,²¹ é possível apontar uma experiência salutar de transculturação com as histórias do ciclo do quibungo.

Nesse processo transculturador, é fundamental considerar as relações linguísticas interculturais nos contos do ciclo do quibungo. A palavra *quibungo*, por exemplo, de origem africana, passou a integrar a língua portuguesa, nomeando não só um personagem da tradição oral, mas sendo usada com frequência e com novas acepções pela população baiana – diabo, feiticeiro, indivíduo desasseado, maltrapilho, ser estranho ou animal selvagem –, conforme observou Nina Rodrigues na época de suas pesquisas.²² Também Luís da Câmara Cascudo chama a atenção para outro significado possível de *quibungo*, da qual derivaria um novo vocábulo – *chibungo* – usado na Bahia para denominar homossexual.²³

Além do nome do monstro, os contos acabaram por inscrever outras palavras e expressões de origem africana na língua portuguesa. Em algumas histórias, o canto do quibungo e de outros personagens são representados em língua africana. Na história “O quibungo e o homem”, registrada por Nina Rodrigues, o canto do quibungo afigura-se por intermédio de versos de construção linguística híbrida, compostos de palavras e expressões em língua africana e em língua portuguesa.

De quem é esta casa,
auê
como gére, como gére,
como éra?
A mulher respondeu:
A casa é de meu marido,
aué,
como gére, como gére,
como érá.²⁴

Em outro conto, “Quibungo na festa da aranha”, registrado por Souza Carneiro, a língua africana mistura-se com a língua portuguesa

²¹ MOREIRAS. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*.

²² RODRIGUES. *Os africanos no Brasil*, p. 204.

²³ CASCUDO. *Geografia dos mitos brasileiros*, p. 238-239.

²⁴ RODRIGUES. *Os africanos no Brasil*, p. 202.

para comporem uma narrativa em que o entrecruzamento de vocábulos africanos e portugueses é ainda mais intenso.

Quiansi deu uma festa grande e convidou os bichos “encantados”, menos Quibungo. Ele soube porque Aquilão Grilo levava todas as noites cantando:

Tiriri, tiriri
Vamos pra fésta
De Quiansi

Ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. Manhãzinha cêdo, saiu pelo mato e ouviu a Calanga conversando com o Quiajapá:

Aiué, aiué, Quiapajá,
Vamos pra fésta
De Quiansi.

Quibungo ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. E assim ia se escondendo e sabendo de tudo, de quem ia, de quem não ia e até que não o queriam lá.

No dia, o terreiro encheu-se. A fésta era mesmo d’aquelas. Quibungo veio se mongando, pelas beiradas do lugar em que todos batiam com as cabeças apoiando o que a velha e sabidona Quiansi dizia. Estirava o pescoço e – paco! – um bicho pro “mastigo” da bóca das cóstas. Um casal de Quiocá que estava falando mal dêle, foi a conta: entrou também no buráco.

O estrago era grande. Pra não dar na vista, Quibungo entrou no mato, deu uma volta e apareceu do outro lado do terreiro, todo sambanga, fingindo alegria:

Bungo Quibungo
Vim pra fésta
De Quiansi.

Os bichos debandaram pra todos os lados, com medo. Isso mesmo que ele quiz. Numa ocasião dessas quando ele abriu a bôca das costas pra botar mais, os Quiocá saltaram de dentro e pernas no mundo. Ele viu. Deu nas canélas atrás. Sungou-os com as ventas que foi aquela belêsa. Grudou os dois pelas orêlhas e foi aquela belêsa. Grudou os dois pelas orêlhas e foi cantando de alegria:

Ocalume, Ocacái
Pra mala de Quibungo
Vai, vai.

Estava nisso quando deu um geito. A barriga das costas abriu-se e todos os bichos que ele tinha pegado arribaram. Quibungo aí soltou os Quiocá, que se largaram a correr, pula aqui, salta acolá. Quibungo ia atrás deles, mas se entreteve com a musica de Aquilão Grilo:

Tiriri, tiriri
Bungo, Quibungo
Mongo, Mongongo.
Quicôlo, Quicôlo.

E Quibungo ficou dansando à música de Aquilão Grilo sem perseguir os outros “encantados”.²⁵

Desse modo, emerge um processo de transculturação em que essas narrativas, ao abandonarem uma espécie de relação natural com a língua africana, passam a habitar uma língua europeia, modificando-se e modificando essa nova língua.

Yeda Pessoa de Castro, ao analisar o léxico africano dessa narrativa, apontou palavras e expressões de línguas banto, como *quiansi* – aranha – e *quiajapá* – tartaruga.²⁶ No entanto, em virtude do cruzamento intercultural nos contos do ciclo do quibungo, a pesquisadora observou a dificuldade de uma tradução para a língua portuguesa dos versos em língua africana que aparecem nessas histórias.

Não achamos também necessário agora tentar determinar as etimologias do sistema lexical africano dos versos intercalados à narrativa dos contos, nem a tradução literal desses versos em português. Trata-se de uma tarefa difícil e problemática, baseada mais em hipóteses, porque, no estágio avançado de contatos linguísticos em que se encontravam os africanos e seus descendentes, mesmo na época da pesquisa de Nina Rodrigues, muito anterior à de Silva Campos, embora *Os africanos no Brasil* só tivesse sido publicado 15 anos depois da edição de *Contos e fábulas populares da Bahia*, esse sistema lexical de origem africana não significava mais competência em nenhuma língua africana atual e, por isso mesmo, estava já modificado pela interferência linguística do português. Daí falarmos em sistema lexical, isto é, palavras e expressões de evidente origem africana usadas pelo narrador com um fim operacional – o de dar apoio ao tema narrado, o de transsubstanciar a figura do Quibungo – o de transportar o auditório ao mundo fictício

²⁵CARNEIRO. *Os mitos africanos no Brasil*: ciência do folk-lore, p. 302-303.

²⁶CASTRO. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos, p. 22.

do conto narrado – cuja tradução literal, acreditamos, já era então desconhecida tanto pelos seus narradores quanto pelos informantes de Silva Campos, Basílio de Magalhães, Nina Rodrigues, Souza Carneiro e Lindolfo Gomes.²⁷

É interessante observar o “fim operacional”, destacado por Yeda Pessoa de Castro, desempenhado pela presença de palavras e expressões africanas nas narrativas, que cumprem a função de “transsubstanciar a figura do quibungo”, transportando “o auditório ao mundo fictício do conto narrado”. Assim, há a emergência de uma espécie de exercício tradutório que permite esse efeito de “transsubstanciar” a figura do quibungo.

A tradução que se desenvolve ultrapassa o fim de apenas tornar uma obra compreensível a leitores/ouvintes de línguas diferentes, que não compreenderiam o original. A tradução faz-se “irmã gêmea da criação”, como propôs Haroldo de Campos a partir de Walter Benjamin

Conforme observou Walter Benjamin, o essencial de uma tradução não é a comunicação ou o enunciado, mas algo misterioso, que se constitui da própria matéria poética.²⁸ Por intermédio da tradução que se opera nos contos do ciclo do quibungo, parece emergir o que Walter Benjamin chamou de “afinidade entre as línguas”, ou seja, uma espécie de língua anterior – Talvez anterior à própria torre de Babel? –, que tornaria afins todas as línguas.²⁹ Essa afinidade permite que língua africana e língua portuguesa mesquem-se, entrecruzem-se para contarem histórias do ciclo do quibungo. Desse modo, torna-se possível garantir o “algo misterioso”, que permite “transsubstanciar o quibungo” e fazer com que o ouvinte/leitor da história perceba as ressonâncias do mundo poético onde o quibungo outrora habitou.

A partir dessas incorporações, o conto oral é transposto a um novo território e se torna significativo para um novo grupo e, assim, inscreve-se e se perpetua na sua memória. Assim, ao mesmo tempo em que as narrativas do quibungo, provenientes de um povo feito escravo, incorporam elementos culturais de senhores proprietários, como a própria língua, essas narrativas também promovem uma espécie de rasura na cultura desse

²⁷CASTRO. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos, p. 23.

²⁸BENJAMIN. A tarefa-renúncia do tradutor, p. 66.

²⁹BENJAMIN. A tarefa-renúncia do tradutor, p. 71.

dominador, já que nessa nova cultura é inscrita a voz africana subjugada, que toma para si a palavra e se faz ouvir.

Nesse processo tradutório transculturador, no entrecruzamento de diferentes elementos culturais, em meio a tantas metamorfoses, o quibungo pode contar por intermédio de vozes brasileiras. Ao modo do contador que finaliza sua narração convidando os ouvintes a também narrarem suas histórias, o quibungo entra por uma perna de pato, sai por uma perna de pinto, engole mais uns quatro ou cinco, seja pela boca nas costas ou pelo surrão, e caminha e se conta por diferentes regiões do Brasil.

Referências:

AMBRÓSIO, Manuel. *Brasil interior: palestras populares - Folk-lore das margens do S. Francisco*. São Paulo: Ed. Nelson Benjamin Monção, 1934. v.1.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: CASTELLO BRANCO, Lucia (org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Publicações Viva Voz)

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960.

CARNEIRO, Souza. *Os mitos africanos no Brasil: ciência do folk-lore*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978. [separata]

COSTA e SILVA, Alberto. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

FERNANDES, Gleicienne; PITHON, Mariana (org.). *De Quibungos e meninos*. Um apanhado de. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Publicações Viva Voz)

GOMES, Lindolfo. *Contos populares brasileiros*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. *A terrível parábola: as versões de um poema de João Guimarães Rosa*. Plural Pluriel – Revue des cultures de langue portugaise, n° 4-5, automne-hiver 2009. Disponível em : www.pluralpluriel.org. Acesso: 8 out. 2009.

ÓRTIZ, Fernando. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Catedra Letras Hispánicas, 2002.

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Col. Raízes)

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

STARLING, Nair. *Nossas lendas*. 8. ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Ed. Paulo de Azevedo, 1962.

UFMG. FALE. *Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto*. Narrativas orais no Vale do Jequitinhonha: catálogo do acervo de fitas cassetes e videofitas; acervo de transcrições. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

Para quem não sabe...

Ababá. nome usado para se referir a vaso de barro ou de metal, em forma de tronco de cone invertido, usado como bacia.

Alabè. usado em ritos afro-brasileiros; o chefe dos tocadores de atabaque ou qualquer tocador de atabaque.

Alaiberu. personagem da mitologia afro-brasileira. Refere-se ao nome Quibungo-alaibeiru, que é uma composição híbrida do banto quibungo com o io-rubá "alaiberu", corajoso, destemido.

Alaúza. gritaria, alvoroço, bagunça.

Alabô. Do nagô. defensor, protetor.

Bangolando. vagabundeando, vadiando, andando sem destino, a esmo.

Cassange, quilunge, banguela. povos

afro-negros conquistados pelos portugueses.

Contenda. briga.

Corocochó. andar-corocochó, curvada, encorcovada, tropegante, corcunda.

Cumunjarim. quibungo corajoso, destemido.

Cúria. comida.

Dudu. Do quibundo e do nagô. negro. Deuses que reencarnam e se fazem, incógnitos e vão, com seus emblemas e seus animais, surpreender seus crentes, como ossanhe que anda com a cora e, montado no seu "cavalo" chamado Dudu calunga.

Funfun. Do nagô. branco.

Erú. medo, terror.

Gbô. Do nagô. Velho.

Gombê. o boi angolano, também denominado ongombê.

Gimbo. dinheiro

.Inchar nas coronhas. enrijecer os músculos, fazendo esforços para se libertar de qualquer atadura.

Juruti. espécie de ave.

Mongo. Do nagô. monte, corcova.

Mongongo. Do nagô. espichaço.

Munzuás. armadilha em forma de cesto afunilado, feita com taquara, para capturar peixes, lagostas, etc.

Muzambê. forte, vigoroso.

Ocacaí. Do quimbundo. Oka-ndimba oka-kai, a coelhinha ou a lebresinha fêmea.

Ocalume. Do quimbundo. Oka-ndimba okalume, o coelhinho ou a lebresinha macho.

Oimbo. nomeação para homem branco, caráter pejorativo.

Orí. cabeça no sentido literal. Para a cultura iourubá, refere-se à cabeça "inferior", as escolhas do homem dependem dessa, é ela que predestina ao sucesso ou ao fracasso.

Pombeiro. nome que se dava no Brasil e em África ao indivíduo que percorria os sertões para capturar escravos.

Puças. artifício de pesca.

Quicézinha. quicê, caxirenguengue, faca pequenina e afiada.

Quicôlo. Do quimbundo. Forte.

Quiponguê. comida de santo. Prato à base de feijão.

Rezinga. rixa, desavença, altercação, discórdia.

Um pouco mais das narrativas

A Kandimba, o Dumbo e o Quibungo

Esse conto foi narrado por João Lopes e José Ângelo Ferreira, Tatas (ou Capitães Regentes) do grupo de Moçambique da Irmandade de N. S. do Rosário do bairro Jatobá, em Belo Horizonte-MG.

O lobishome e a menina

Estes versos são uma cópia de um conto popular colhido em Pernambuco.

A aranha caranguejeira e o quibungo

Silva Campos recolheu esse conto entre os trabalhadores negros do Recôncavo da Bahia. É a única história que ele conhece sobre as aventuras da aranha. Pelo nordeste e norte do Brasil, assim como no sul e centro, a aranha não mereceu as atenções do fabulário popular. A história que Silva Campos registrou identifica a origem africana, especialmente da Costa do Ouro, dos negros do grupo Tshi ou Ashanti, em cuja literatura oral a aranha domina como centro de interesse.

Convém salientar que a curiosidade desse conto é apresentar a Aranha Caranguejeira na plenitude de sua ferocidade e astúcia. Naturalmente, os episódios não são exclusivos d'África. Couto de Magalhães em *O Selvagem*, divulgou as lendas da Raposa, Momeucaua Micura Receuára, colhidas nos sertões do Mato Grosso entre indígenas tupis ou mestiços da mesma raça. Na lenda XVII relatada no livro de Couto de Magalhães, a Onça foi amarrada

pela Raposa e abandonada para morrer. A Onça suplicou aos Cupins para roerem as cordas. Os Cupins respondiam como ao Quibungo: – nós soltamos você, e você depois nos mata. Compadeceram-se e libertaram a Onça que, imediatamente, os engoliu, ouana opai aítá, comeu todos eles.

A minina que ficô morano mais o pai

Esta é uma tradução para dialeto rural do português brasileiro feita por Sônia Queiroz do conto recolhido em Angola, entre o povo de língua banto, a partir da tradução em português lusitano de Carlos Estermann.

Quibungos, bichos-papão e outras monstruosidades

Bicho-homem: Lendário da região do nordeste, o bicho-homem é um monstro que possui apenas um olho e um pé redondo. Embora tenha esse formato, possui ainda dedos e unhas pontiagudas e monstruosas. Cultiva o hábito de esconder-se nas serranias e penhascos montando arapuca para prender e devorar os homens.

Boi-tatá: De acordo com o padre José de Anchieta, é uma coisa de fogo, um facho cintilante que corre e mata os índios. Já Couto de Magalhães o descreve como a criatura que protege os campos contra aqueles que os queimam. As tradições apontam como uma cobra de fogo que mora na água.

Outros nomes: Baitatá, Batata, Biatatá, Batatal, Bitatá, Jean Delafosse, João Galafuz, mboi, tatá, a cobra de fogo, o fogo da cobra.

Boi Vaquim: Boi alado com asas e chifres de ouro e olhos de diamantes que amedronta as pessoas que vivem nos campos do Rio Grande do Sul devido às faíscas produzidas nas pontas dos chifres e aos seus olhos.

Cabra-cabriola: Papão com boca grande, dentes afiados, solta fogo pelos olhos, narinas e boca. Assusta os meninos, pois eles são a principal presa durante o seu passeio noturno.

Capelobo: Essa criatura é conhecida como lobisomem dos índios. Possui corpo humano e peludo, o focinho de anta ou de tamanduá, grito característico e pés em forma de fundo garrafa. De hábitos noturnos, este monstro é conhecido por suas rondas em acampamentos e barracões no interior do Maranhão e do Pará. Nessas rondas, ele busca e devora cães e gatos re-

cém-nascidos. Caso encontre algum bicho maior ou caçador, ele rasga-lhe a carótida e bebe o seu sangue. Alguns apontam também que quando o capelobo encontra um ser humano, ele abraça-o, corta os ossos do seu crânio e suga a massa cefálica. O único meio de matá-lo é acertá-lo na região umbilical. **Outros nomes:** cupelobo.

Caipora: Mitologia de origem tupi-guarani é representando por um pequeno índio que fuma cachimbo e bebe cachaça. Possui o corpo todo revestido de pelo e vive montado em um animal semelhante a um porco espinho. Assim como o homem-marinho e a mãe D'água, está sempre preocupado em proteger a natureza e penalizar aqueles que não a respeitam, por exemplo, os caçadores.

Chibamba: Fantasma do sul de Minas Gerais que anda envolvido em uma esteira ou folhas de bananeira, ronca como um porco e dança cadenciadamente assustando as crianças que choram. Em São Paulo, ele é um negro velho que morreu no tronco e ajuda os seus companheiros quando são surrados; um saci ou um cabrito que aterroriza determinadas festas.

Cuca: Fantasma e "paponá" de crianças possui forma indefinida, porém ame-

açadora. Em Pernambuco, é a mulher feia, velha, uma espécie de feiticeira. Em São Paulo, se assemelha ao papão português, negro velho mineiro e ao tutu. **Outros nomes:** Côca-loba, corica, curuca, corumba, coca e farricoco.

Homem-dos-pés-de-loiça: Fantasma típico de Ilha Grande, restinga de Marambaia e Mangaratiba, no Rio de Janeiro. Possui forma humana e pés de louça. Ao ouvir o chamado do homem-dos-pés-de-loiça, o mais aconselhável é tapar os ouvidos, correr, rezar um pai-nosso e esconjurar o demônio, pois quem olha para ele fica louco.

Homem-das-sete-dentaduras: É um monstro de origem lusitana, que segundo a lenda, atacava as pessoas que andavam na rua por volta do meio-dia. Esse período era considerado por muitos como uma hora malévola por natureza. Quem andasse durante este horário pela rua corria o risco de ser atacado pelas terríveis criaturas.

Homem-marinho: De caráter distinto dos outros monstros, podemos considerar esse "homem" como uma espécie de semente para o que viria ser a lenda da sereia Iara posteriormente. É ele um grande protetor das nascentes e espelhos d'água, e, como um grande amigo da natureza, vive a assustar

pescadores, marisqueiros e lavadeiras que não se preocupam com a mãe natureza.

Mãe-d'água: Sereia branca, de origem europeia, loura, metade peixe que canta para atrair o homem, esse termina por morrer ao tentar acompanhá-la ao fundo das águas. Alguns associam a mãe-d'água à serpente assassina das águas.

Mão-de-cabelo: Criatura de forma humana, magra, vestida de branco e que possui nas mãos fachos de cabelos. É considerado o espantalho das crianças no sul da Província de Minas Gerais e a ameaça àqueles que urinam na cama.

Mão-pelada: Tipo de lobo avermelhado muito comum em Minas Gerais, de porte parecido ao de um bezerro novo e que possui uma pata dianteira pequena e pelada.

Mãozinha-preta: É uma mãozinha-preta solta no ar que faz todos os trabalhos domésticos de maneira rápida e eficiente, além de castigar mediante ordens. Só para o seu trabalho quando se diz: "Chega, Mãozinha da Justiça". Assombração típica de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. **Outros nomes:** Mãozinha da Justiça.

Mapinguari: Criatura com forma humana e pelos avermelhados que lhe conferem proteção contra as balas, com exceção da região do umbigo. Assombra as pessoas e devora suas cabeças nas matas do Acre, Amazonas e Pará. Segundo J. da Silva Campos, ele apresenta pés de burro virados para trás, unhas parecidas com as de uma onça. Já Francisco Lima aponta-lhe altura de 1.80m, pele semelhante a um casco de jacaré, com pés parecidos aos de uma mão de pilão ou de um ouriço de castanha.

Maria da Manta: Mitologia típica do folclore português, ela é um monstro que perturba o sono das crianças com seus chifres e com o fogo que sai pelas suas ventas. Está sempre na beira dos rios, poços e lagos para atrair as crianças com o intuito de afogá-las.

Mula-sem-cabeça: Maldição que acomete a concubina do sacerdote na madrugada de quinta para sexta-feira. É um animal de forma indefinida, forte, que lança fogo pelas narinas e pela boca, galopa e relincha de modo marcante e amedronta quem o vê. Essa maldição só se desfaz com a retirada do freio de ferro que ele possui em sua cabeça. Quando isso acontecer, a moça aparecerá despida e chorando.

Olharapos: São criaturas semi-animais e semi-humanas que aterrorizavam os navegadores durante o período de “descobrimento” das navegações lusitanas. Esses monstros são gigantes, possuem um único olho no centro da testa e são completamente estúpidos. Por conta disso, eles são facilmente derrotados por adversários fisicamente mais fracos, mas dotado de alguma inteligência. O que demonstra que a força não está exclusivamente nos músculos, mas na capacidade de raciocinar.

Papa-figo: É um leproso ou morféptico que se cura comendo o fígado de crianças, pois dessa forma o seu sangue é purificado. Isso ocorre devido à crença que considera a lepra uma doença caracterizada pela degeneração do sangue. Logo, se o sangue está ruim, o fígado também estará.

Saci-pererê: Famoso garoto negro com uma perna só e gorro vermelho que faz com que ele se torna encantado, sagaz e ágil. Adora fumar o seu cachimbo, trançar a crina dos animais após cansá-los durante a noite, possui assobio medonho, misterioso e persistente. Tanto pode zombar aprontando traquinagens na casa dos outros, quanto pode ser malvado. É uma entidade muito comum no sul do país.

Tango-mango: De caráter sobrenatural, este não se caracteriza de forma clara como um monstro, oscila entre um demônio e uma força obscura e destrutiva, que dizima os seres até seu total extermínio. Sem grandes definições não se sabe se isso ocorre devido a uma bruxaria ou exorcismo. **Outros nomes:** tangolo-mango, tango no mango, tanglomango, tango marango, tango mango, tangoromango, tangro mangro, trango mango, tanguemangue, tângano-mângano, tango-redemango.

Tutu: Bicho papão que amedronta crianças nas canções de ninar. Na Bahia, ele é confundido com o caititu, que é um porco do mato. **Outros tipos de tutu:** tutu-zambeta, tutu-marambá, e tutu-do-mato.

Eles que me contaram...

Dos quimbungos

Contos, causos e lendas

Quibungo alaiberu

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, [separata], 1978. p. 39-40.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

SOUZA CARNEIRO. *Mitos Africanos no Brasil*: ciência do folk-lore. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

Quibungo-rei

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, [separata], 1978. p. 38-39.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

SOUZA CARNEIRO. *Mitos Africanos no Brasil*: ciência do folk-lore. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

O Quibungo e o filho Janjão

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978. [separata]. p. 36.

MAGALHÃES, Basílio de. *O folclore no Brasil - contos e fábulas populares da Bahia*. 3. ed. Rio de Janeiro: [s.n], 1960.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto: Brasil, Angola, Moçambique*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

A Kandimba, o Dumbo e o Kibungo

DIAS, Eugênia. *Os falares de Angola da Irmandade do Rosário de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: fundac Informa, [1994?]. p. 5.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto: Brasil, Angola, Moçambique*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

Nenhum dos mortos era jovem demais para assaltar. Bebês mortos marchando para a Cidade dos Mortos

TUTUOLA, Amos. *O bebedor de vinho da palmeira e seu vinhateiro morto na cidade dos mortos*. Tradução de Eliane Fontenelle. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

A menina e o quibungo

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 241.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978, p. 28.

LISBOA, Henriqueta. *Literatura Oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1968, p. 100-101.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto: Brasil, Angola, Moçambique*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

RAMOS, Artur. *O folclore negro do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

O bicho cumunjarim

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 242.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978, p. 28-29.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

Titi marué

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 244.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

O bicho-homem

AMBRÓSIO, Manuel. *Brasil Interior*: palestras populares - folclore das margens do rio S. Francisco. São Paulo: [s.n], 1934, p.69-71.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

O quibungo e o menino do saco de penas

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 237.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978, p. 34-36.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

RAMOS, Artur. *O folclore negro do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

O quibungo e o homem

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, [separata], 1978, p. 36-37. v. 1.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. cd-rom.

RAMOS, Artur. *O folclore negro do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982, p. 202-203.

Quibungo na festa da aranha

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, [separata], 1978, p. 40-41.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

SOUZA CARNEIRO. *Mitos Africanos no Brasil*: ciência do folk-lore. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

Bicho Pongué

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978. p.41-42. v. 1.

GOMES, Lindolfo. *Contos populares brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

A terrível parábola

ROSA, João Guimarães. A terrível parábola. In: ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 98- 100.

O lobishome e a menina

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 233-237.

A aranha caranguejeira e o quibungo

CAMPOS, João da Silva. In: MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 233.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1978. p. 31-34.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

O quibungo e a cachorra

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos Populares da Bahia*: aspectos da obra de João da Silva Campos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, [separata], 1978. p.37-38.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Histórias da tradição banto*: Brasil, Angola, Moçambique. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2008. cd-rom.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982, p. 203-204.

A filha que ficou com o seu pai

ESTERMANN, Carlos. *Etnografia de Angola* (sudeste e centro). Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983 p. 269-270, v.1.

Quibungo

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: José Olympio, 1947.

Glossário dos monstros

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: Edusp, 1988.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano* (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JEHA, Julio. (Org.) *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Julio. (Org.) *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007, p. 61-80.

NAZÁRIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Arte & Ciências, 1998.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica do Pilar*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da USP, 1982.

STARLING, Heloísa. Cartografia do subúrbio. *Margens/Margenes*. Caderno de Cultura, Belo Horizonte/Mar Del Plata, n. 2, outubro, 2001, p. 3-5.

TAUNAY, Afonso d' Scragno. *Monstros e monstros do Brasil*. Organização de Mary Del Priore. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Os caçadores de quibungo

Amos Tutuola (1920-1997): Escritor nigeriano que teve sua obra baseada na tradição oral do povo Iorubá. *O bebedor de vinho de palmeira*, seu primeiro livro, publicado em 1952, tornou-o mundialmente conhecido. Essa obra possui uma série de particularidades que a fazem singular. Uma delas está na forma como o autor usa a língua inglesa, devido ao seu pouco conhecimento do inglês escrito, o autor acaba por criar uma espécie de transcrição da oralidade africana para essa língua de chegada. **Obras publicadas no Brasil:** *O bebedor de vinho de palmeira* (1975), *Minha vida na mata dos fantasmas* (197?).

Arthur Ramos (1903-1949): Folclorista alagoano. Tornou-se conhecido por sua contribuição à etnografia afro-brasileira, especialmente na área de cultos religiosos. Fundador da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia do Rio de Janeiro, inaugurou vários estudos sobre o índio, o negro e o folclore brasileiro. Sua obra compartilha da ideia de que para compreender as diversas manifestações culturais afro-americanas é preciso primeiro analisá-las em seu local de ocorrência, para que se possa em seguida estudá-la em suas raízes africanas. **Obras:** *Os horizontes místicos do negro da Bahia* (1932); *O Negro Brasileiro*: etnografia religiosa e psicanálise (1934); *O Folk-lore Negro do Brasil*: demopsicologia psicanálise (1935);

Basílio de Magalhães (1874-1957): Grande estudioso do folclore no Brasil, destaca-se em sua obra o livro *O folclore no Brasil*, que conta com 81

contos populares coligidos por João da Silva Campos e prefaciados por Basílio. O prefácio estendeu-se em inúmeros comentários que acabaram lhe rendendo os “louros” da obra feita por seu amigo. **Obra:** *O Folclore no Brasil*: com uma coletânea de 81 contos populares (1939).

Carlos Estermann (1896-1976): Cientista social estudioso da cultura banto, desenvolveu vários estudos sobre as culturas dos povos do Sul e do Sudoeste de Angola. Contribuiu com a preservação dessas culturas por meio de registros escritos da oralidade, durante o período em que viveu em Angola. **Obra:** *Etnografia de Angola* (Sudoeste e Centro): coletânea de artigos dispersos (1983).

Câmara Cascudo (1898-1986): Historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista. Possui várias obras resultantes do intenso estudo sobre o folclore brasileiro. Para ele, “deve-se estudar todas as manifestações tradicionais na vida coletiva”. **Obras:** *Antologia do Folclore Brasileiro* (1944); *Lendas brasileiras* (1945); *Contos tradicionais do Brasil* (1945, reed. 1955, 1986, 2000); *Literatura oral no Brasil* (1952, reed. 1978, 1984); *Geografia dos mitos brasileiros* (1976); *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952); *Made in África* (1965); *Locuções tradicionais no Brasil* (1977); *Ensaio de etnografia brasileira* (1971); *Superstição no Brasil* (1985).

Guimarães Rosa (1908-1967): Escritor mineiro que procurou retratar em sua obra o povo brasileiro, principalmente o mineiro, em sua essência. Suas obras possuem como característica a ambientação sertaneja. Além disso, é também notório seu estilo marcado por um intenso trabalho com a linguagem, com a criação de vários neologismos, e a presença das tradições populares e regionais. **Obra:** *Magma* (1936).

João da Silva Campos (1880-1940): Um dos mais importantes pesquisadores das raízes étnicas do Brasil, da tradição histórica nacional, principalmente da Bahia. Focou seus estudos na cultura popular, registrando narrativas, costumes, cantos e superstições. Fez vários estudos sobre a presença do negro na cultura brasileira e a existência do preconceito de cor no folclore brasileiro, registrando um cancionário que reflete o preconceito

e uma relação de termos e expressões populares preconceituosas. Foi considerado o Papa do folclore brasileiro. **Obra:** *Contos e fábulas populares da Bahia*, coligidos por ele e publicados no livro *O Folclore no Brasil*, de Basílio de Magalhães (1928, reed. 1939, 1960).

Josiley Francisco de Souza: Professor, contador de histórias e doutorando em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Dentre os seus estudos incluem-se a literatura oral e a cultura popular da região do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. **Obra:** *Negros pelo Vale* (2008).

Lindolfo Gomes (1875-1953): Jornalista, folclorista, poeta, filólogo e membro fundador da Academia Brasileira de Filologia. Foi um escritor interessado na cultura popular do Brasil e desenvolveu uma classificação para os contos orais em ciclos: histórias do ciclo do preguiçoso, da onça, do Pai João e de Pedro Malasarte. **Obras:** *Contos populares brasileiros* (1918, reed. 1931, 1948, 1965); *Nihil novi...*: Estudos de literatura comparada, de tradições populares e de aneddotas (1927).

Luiz Cláudio Vieira de Oliveira: Professor aposentado da Faculdade de Letras da UFMG, atualmente professor da FUMEC e poeta. Destacam-se, ao longo da sua carreira acadêmica, estudos da obra de João Guimarães Rosa e de semiótica. **Obras:** *O sentido e a máscara em Grande Sertão: Veredas* (1979) e *O percurso dos sentidos* (1991).

Manoel Ambrósio (1865-1947): Folclorista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e pesquisador das tradições das margens mineiras do Rio São Francisco. Com o objetivo de resgatar a oralidade, o autor transcreveu de modo literal as formas do falar ribeirinho, buscando evitar as perdas naturais sofridas nas versões escritas de textos orais. Os temas recorrentes encontrados na obra do autor estão vinculados à paisagem, às relações sociais locais e ao cotidiano dos habitantes. Dentre os personagens abordados destacam-se os vaqueiros que se transformam em figuras lendárias e os monstros habitantes do rio e da mata, como a serpente do rio São Francisco, o bicho-homem, o caopora, o dourado, entre outros. **Obra:** *Brasil interior: palestras populares – folclore das margens do São Francisco* (1912, reed. 1934).

Nina Rodrigues (1862-1906): Médico legista, psiquiatra, professor e antropólogo. Foi pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no Brasil, responsável por vários estudos sobre as origens étnicas da população e a influência das condições sociais e psicológicas sobre a conduta do indivíduo. Fez escola ao escrever sobre os problemas do negro no Brasil. Obras: *O animismo fetichista dos negros baianos* (1900); *Os africanos no Brasil* (1932).

Sônia Queiroz: Coordenadora da área de Edição na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre suas atividades de pesquisa, realizou estudos sobre as edições brasileiras de narrativas de tradição oral e sobre remanescentes de línguas e narrativas orais africanas em Minas Gerais. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre memória e cultura afro-brasileira. **Obras**: *Pé Preto no Barro Branco*: a língua dos negros da Tabatinga (1998); *Na captura da voz – As edições da narrativa oral no Brasil*, em co-autoria com Maria Inês de Almeida (2004).

Yeda Pessoa de Castro: Etnolinguista, destacou-se por ser a primeira pesquisadora brasileira a defender tese de pós-graduação em uma universidade africana. Doutora em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, consultora técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e membro da Academia de Letras da Bahia. Atualmente, é vice-líder do Grupo de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros em Línguas e Culturas (GEAALC), da Universidade do Estado da Bahia, e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, na área de Línguas e Culturas Africanas. Possui diversos trabalhos acerca das relações culturais e linguísticas Brasil-África, demonstrando a presença banto no Brasil e a participação de falantes africanos na formação do português brasileiro. **Obras**: *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro (2005); *A língua mina-jeje no Brasil*: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII (2002).

**publicações de interesse
para a área de estudos africanos**

Cantos africanos em umbundo

Sônia Queiroz (Org.)

Jali Kunda

Ana Ribeiro Grossi Araújo (Trad.)

Negros pelo Vale

Josiley Souza

Palavra africana em Minas Gerais

Amanda Sônia López de Oliveira

**Três traduções de I and my Wine Tapster
in the Dead's Town, de Amos Tutuola**

Nina Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis

Vissungos

Neide Freitas (Org.)

Este livro foi elaborado como atividade da disciplina Estudos Temáticos de Edição: Editando Traduções, ministrada pela professora Sônia Queiroz no segundo semestre de 2008. Na composição foi usada a fonte Verdana, corpo 11. A arte-final foi impressa a *laser* em papel reciclado 75g/m² e encadernada usando a técnica medieval.

V
V V
V V
viva VOZ